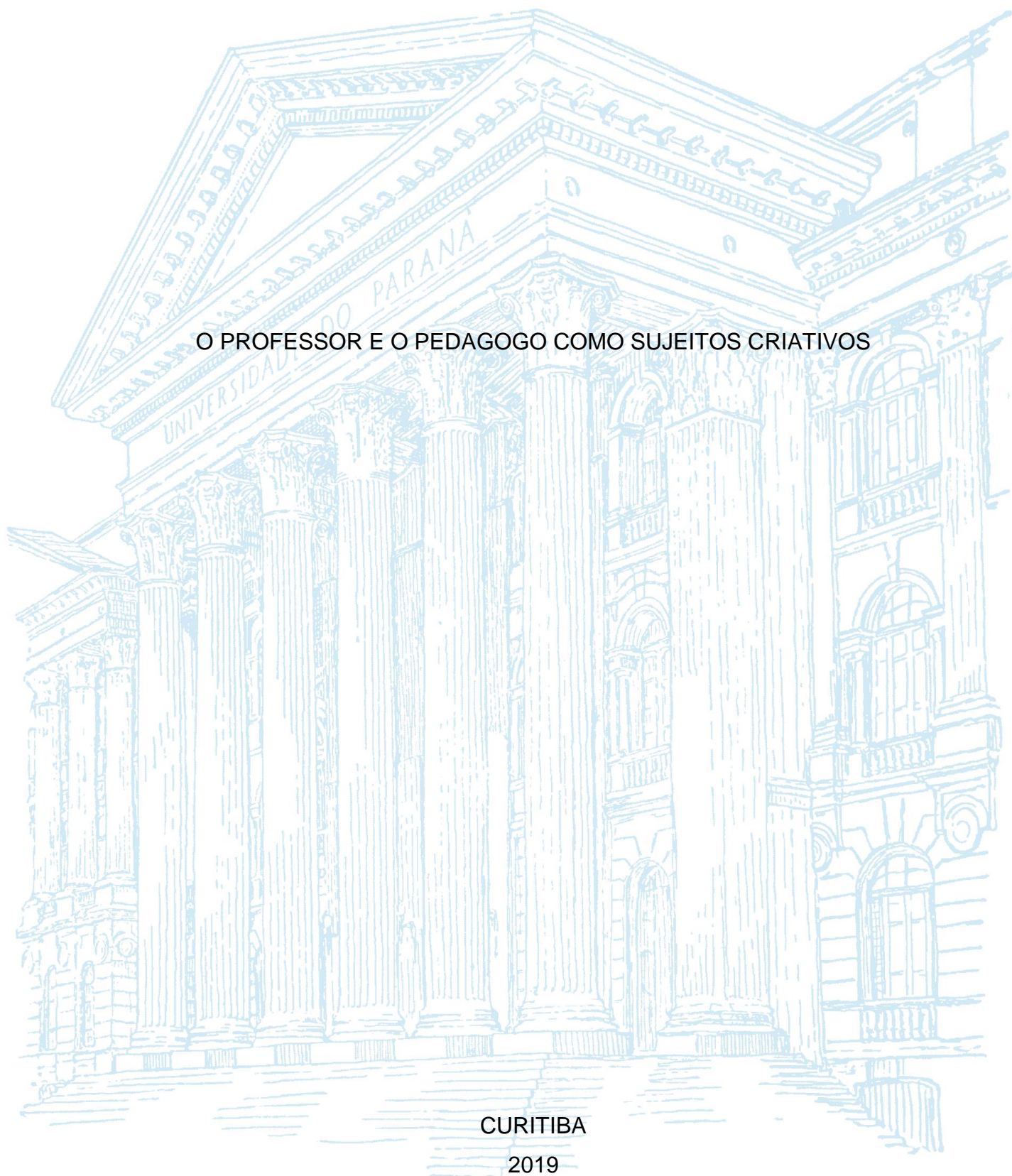


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ANA TERRA MENEZES

O PROFESSOR E O PEDAGOGO COMO SUJEITOS CRIATIVOS



CURITIBA

2019

ANA TERRA MENEZES

O PROFESSOR E O PEDAGOGO COMO SUJEITOS CRIATIVOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Graduação em Pedagogia, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Profa. Dra. Tania Stoltz

CURITIBA

2019

## TERMO DE APROVAÇÃO

ANA TERRA MENEZES

### O PROFESSOR E O PEDAGOGO COMO SUJEITOS CRIATIVOS

Trabalho apresentado ao curso de Graduação em Pedagogia, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

---

Prof(a). Dr(a). Tania Stoltz

Orientador(a) – Departamento DTFE, INSTITUIÇÃO

---

Prof(a). Dr(a)./Msc. \_\_\_\_\_

Departamento \_\_\_\_\_, INSTITUIÇÃO

---

Prof(a). Dr(a)./Msc. \_\_\_\_\_

Departamento \_\_\_\_\_, INSTITUIÇÃO

Cidade, \_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 201\_.

## **AGRADECIMENTOS**

Gratidão à minha mãe Ana Lucia, pelas demonstrações criativas ao longo de toda a sua vida, de modo que nos sustentou a duras penas e fez o possível e até mesmo o impossível para nos proporcionar o melhor da vida. Gratidão ao meu pai Edson, que para sempre terá boas ideias e se interessará pelos meus assuntos acadêmicos e pessoais. A eles eu dedico toda a minha capacidade criativa.

Gratidão à minha irmã Fabiana, que me deu todo o apoio e me ensinou a ter responsabilidade na profissão. Gratidão aos meus irmãos Ronaldo e Guilherme, que mesmo em dúvida do que se trata a Pedagogia, também foram meu suporte emocional.

Gratidão ao meu eterno amigo Síndor, que há quatro anos tem sido meu companheiro de inúmeras aventuras.

Gratidão também a todos os meus amigos, que para sempre terão o meu coração e viverão em minha memória. Pelas alegrias e durezas da vida, e também pelos tempos que compartilhamos juntos.

Gratidão aos meus professores, e em especial, à minha orientadora Tania, que me apresentou a psicologia da educação e fez com que me apaixonasse pela área, aceitou o mais árduo dos trabalhos ao orientar-me e sempre propôs correções assertivas durante o processo deste estudo.

Ouçã todos os sons. Sinta todas as fragrâncias. Perceba o ar, a temperatura em sua pele. Você está pensando? Ou não está pensando? [...] Não julgue. Nem certo nem errado, nem bonito nem feio. Seja. [...] Intersendo com tudo que existe. Que bom estar viva. Este instante aqui e agora é o céu e a terra. Isso é tudo. Tudo é nada. (MONJA COEN ROSHI)

## RESUMO

O presente estudo qualitativo se propõe a investigar o professor e o pedagogo em ambiente escolar como sendo sujeitos criativos e promotores do desenvolvimento da criatividade em seus alunos. E, como objetivos específicos, reconhecer o professor e o pedagogo como promotores do desenvolvimento da criatividade; e identificar, a partir das percepções de professores, a criatividade em sua ação pedagógica para o desenvolvimento da criatividade dos alunos em sala de aula. Como metodologia, realizou-se um levantamento bibliográfico em quatro periódicos científicos considerados relevantes nas áreas da educação e da psicologia (CAPES, SciELO, ERIC e Web of Science), das pesquisas que relacionam criatividade, trabalho docente e ambiente escolar. Realizou-se também, a aplicação de um questionário online com uma parcela de dezesseis professores e pedagogos, que atuam no ambiente escolar e realizam o atendimento correspondente aos anos iniciais do ensino fundamental, de 1º ao 5º ano, para obter as percepções desses profissionais acerca da criatividade em sua ação pedagógica e nos reflexos desta, no desenvolvimento da criatividade dos alunos em sala de aula. A literatura aponta para o professor e o pedagogo como responsáveis pela promoção da criatividade e pela falta desta também. No entanto, têm relacionado essa falta aos impedimentos e fatores inibidores do contexto escolar e às falhas nas formações inicial e continuada desses profissionais. Foram obtidas respostas, em sua maioria, convergentes ao que aponta a literatura acerca da convicção dos professores e pedagogos, a respeito da importância de suas ações serem assertivas no desenvolvimento da criatividade, tendo eles apresentado algumas características de personalidade do profissional criativo em suas respostas. A percepção dos professores demonstra consciência da influência do trabalho do professor e do pedagogo no desenvolvimento da criatividade dos alunos em sala de aula, evidenciando que a criatividade pode ser desenvolvida na escola.

Palavras-chave: criatividade. professor criativo. pedagogo criativo. criatividade na escola. criatividade docente.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – FLUXOGRAMA DO PROCESSO DE SELEÇÃO DOS ARTIGOS..... 14

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
1.1	OBJETIVOS .....	10
1.2	JUSTIFICATIVA.....	10
<b>2</b>	<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>13</b>
<b>3</b>	<b>REVISÃO DE LITERATURA.....</b>	<b>16</b>
3.1	BREVE DESCRIÇÃO SOBRE CRIATIVIDADE NAS PESQUISAS LEVANTADAS.....	16
3.2	A CRIATIVIDADE NO CONTEXTO ESCOLAR.....	20
3.3	O QUE DIZEM AS PESQUISAS SOBRE A CRIATIVIDADE NA AÇÃO DO PROFESSOR E DO PEDAGOGO .....	25
3.4	E O QUE PENSAM OS PROFESSORES E PEDAGOGOS DE 1º AO 5º ANO SOBRE A CRIATIVIDADE EM SEU TRABALHO? .....	31
<b>4</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>46</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>48</b>
	<b>APÊNDICE 1 – QUESTIONÁRIO.....</b>	<b>54</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A criatividade é identificada em diferentes áreas do conhecimento e está descrita a partir de distintas abordagens teóricas. Especificamente no âmbito da Psicologia e da Educação, pode ser definida como um fenômeno intrapsíquico e social, tendo o ambiente social, cultural e histórico em que o sujeito está inserido, um significativo impacto no desenvolvimento e na expressão da criatividade humana. (CSIKSZENTMIHALYI, 1988; STERNBERG, 1999; SIMONTON, 2000)

Entretanto, as definições do conceito de criatividade não possuem um consenso, ainda que, uma das principais dimensões da criatividade nas diferentes definições indique a urgência de um produto novo, ideia ou invenção original, reelaboração e aperfeiçoamento de produtos ou ideias existentes. (ALENCAR; FLEITH, 2003a, p. 13)

Assumimos que criatividade acontece na interação entre aptidões, processos e ambiente, interação pela qual é produzido algo que é definido como novo e útil num dado contexto social. Nesta assunção, encontra-se uma ideia que é consensual a qualquer definição de criatividade credível no discurso científico. Esse consenso corresponde a uma simultaneidade difícil e por isso rara e rica. Trata-se da simultaneidade da originalidade com a eficácia das ideias e dos produtos denominados criativos. (MORAIS, FLEITH; 2017)

Em estudo sobre diferentes perspectivas acerca da criatividade, Alencar e Fleith (2003a) apresentam destaques do autor Treffinger (1979) para identificar a necessidade de promover a criatividade em contexto escolar.

A criança de hoje vai lidar com inúmeros problemas e desafios durante toda sua vida. Possivelmente ela enfrentará individualmente mais problemas do que é possível ensiná-la a resolver durante todos os seus anos de escola. Possibilidades para resolver problemas futuros. A vida no mundo contemporâneo envolve muitos problemas complexos que exigem soluções criativas. Muitos desses problemas somos incapazes de antecipar no presente momento. [...] Na medida em que a aprendizagem se dá de forma criativa, isso favorece o crescimento do aluno e gera prazer, motivando-o para novos avanços. (ALENCAR; FLEITH, 2003a, p. 132)

Ainda que a citação acima seja de 2003, pode-se conceber características que estão presentes no contexto atual, ou seja, um cenário que se constitui de inúmeros desafios e problemas a serem enfrentados, principalmente com os avanços da tecnologia.

A globalização, os avanços tecnológicos, a internet e a realidade virtual, as descobertas científicas, o ritmo acelerado de mudanças envolvendo conhecimentos, crenças e estilos de vida, dentre tantos outros fatores, impactam nossas vidas de imediato, trazendo não apenas inúmeros benefícios, mas também nos presenteando com um leque de desafios e situações-problema a serem resolvidas. (NEVES-PEREIRA; ALENCAR, 2018, p. 4)

## 1.1 OBJETIVOS

O presente estudo qualitativo se propõe a investigar o professor e o pedagogo em ambiente escolar como sendo sujeitos criativos e promotores do desenvolvimento da criatividade em seus alunos. E, como objetivos específicos, reconhecer o professor e o pedagogo como promotores do desenvolvimento da criatividade; e identificar, a partir das percepções de professores, a criatividade em sua ação pedagógica para o desenvolvimento da criatividade dos alunos em sala de aula.

## 1.2 JUSTIFICATIVA

O período compreendido entre o 1º e o 5º ano dos anos iniciais corresponde à faixa etária de alunos representada no estudo de Torrance (1976) como uma etapa crítica (p. 45) no desenvolvimento do talento criativo, em que a criança “gosta de aprender, se suas experiências escolares são desafiadoras e recompensadoras” e “sua curiosidade continua a desenvolver-se, a menos que seja severamente restringida por adultos.” (p. 115).

O Brasil adotou a nomenclatura de Anos Iniciais à faixa etária prevista de seis a dez anos de idade, com duração de cinco anos; e de Anos Finais à faixa etária prevista de onze a quatorze anos de idade, com duração de quatro anos. (BRASIL, 2005).

O Ensino Fundamental, no Brasil, é de oferta gratuita e também constitui etapa obrigatória e de direito da população. Com a Lei nº 11.274 de 2006, houve a alteração na Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996 sobre a duração dessa etapa, de oito para nove anos, com a matrícula também obrigatória a partir dos seis anos de idade. (BRASIL, 2006).

O professor que atende aos níveis iniciais do ensino fundamental realiza cotidianamente, planejamentos de sequências didáticas como parte de sua função docente. Em sua formação inicial, pressupõe-se que teve a experiência de aprender como planejar suas aulas com intencionalidade pedagógica, desde a elaboração de práticas à preparação de recursos didáticos. O pedagogo que atua no interior da escola deve realizar o acompanhamento das sequências e das proposições didáticas que os professores realizam para suas turmas de alunos, também deve orientar os planejamentos e contribuir para a ampliação do repertório e dos recursos didáticos, para o enriquecimento dos planejamentos e das práticas orientadas.

Tendo isto em vista, nas experiências que o professor proporciona aos alunos em suas práticas efetivas, tem-se a possibilidade de fornecer um ambiente que potencializa o desenvolvimento da criatividade no aluno em fase escolar. Mas, segundo Alencar et al (2015),

Embora se reconheça a importância da criatividade e de um ambiente educacional em que haja espaço adequado (Amabile, 1996) para sua expressão, constata-se que o seu desenvolvimento tem recebido atenção limitada nos distintos níveis de ensino. [...] O mais comum são procedimentos de ensino convergentes, centrados no professor, com poucas oportunidades para o aluno expressar suas ideias, interpretações e insights. (ALENCAR; FLEITH; BORUCHOVITCH; BORGES, 2015, p. 106)

Diante dessa realidade, para que este professor em sala e este pedagogo em gestão, possam pensar os planejamentos didáticos de modo a proporcionar aos seus alunos a experimentação dos processos criativos e o exercício próprio da criação, é imprescindível que esses profissionais percebam a relevância do tema e se percebam também como sujeitos criativos, para que a reprodução de conhecimentos não se constitua como elemento central da prática docente e das práticas dos alunos, em detrimento do desafio e da geração de novos significados a partir dos conhecimentos e da busca constante por aprender.

O mais comum em ambientes da escola, especialmente na sala de aula regular, tem sido alunos pouco motivados, entediados com as tarefas propostas e com dificuldade de concentração. Isso em parte é explicado pela ênfase na reprodução e repetição de conteúdos, limitadas oportunidades para expressão de ideias e supressão da autonomia discente. (ALENCAR; FLEITH; BORUCHOVITCH; BORGES, 2015, p. 105)

Pensando também a criatividade no contexto educacional, Silva e Nakano (2012) revelam em sua análise das publicações levantadas, no período de quinze anos, entre 1995 e 2009,

[...] a importância de avaliar o que tem sido pesquisado e trabalhado em nosso país no que concerne à criatividade no ambiente escolar, de forma que a análise das pesquisas nacionais poderá fornecer-nos importantes dados acerca do caminho que tem sido traçado e dos esforços que ainda precisam ser feitos. (SILVA; NAKANO, 2012, p. 747)

Desse modo, o presente estudo justifica-se na atualidade, academicamente porque reúne pesquisas importantes nas áreas da educação e da psicologia acerca da criatividade no contexto escolar, com o objetivo de investigar o professor e o pedagogo como sendo sujeitos criativos e promotores do desenvolvimento da criatividade em seus alunos.

Para o campo do conhecimento educacional, é necessário investir na compreensão das relações entre a educação e a criatividade, cogitando-se a hipótese de que a criatividade é um fator que influencia positivamente no processo de aprendizagem. E justifica-se socialmente por abranger a temática da criatividade como sendo fenômeno de urgência em seus processos de aplicação e expansão, tendo em vista as necessidades sociais atuais postas pela sociedade contemporânea que valoriza cada vez mais a criação.

## 2 METODOLOGIA

Trata-se de pesquisa qualitativa envolvendo estudo teórico bibliográfico e pesquisa de campo.

Quanto ao estudo teórico bibliográfico, fundamenta-se na perspectiva de Gil (2002), que discorrendo sobre as características e os encaminhamentos de uma pesquisa bibliográfica, afirma que “a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto [...]” (p. 45)

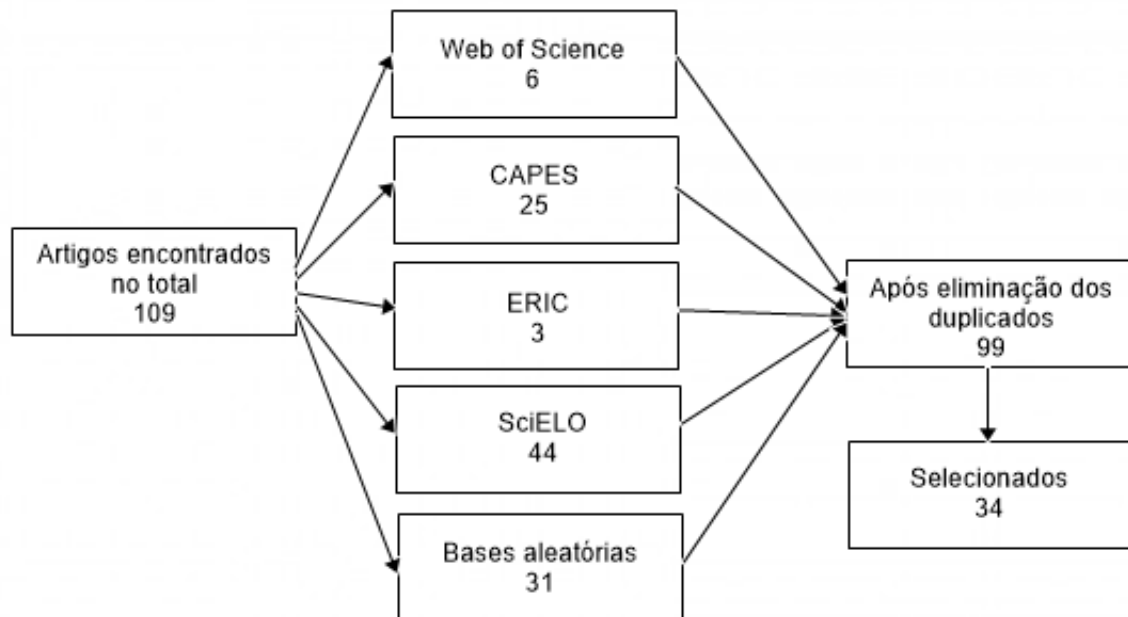
A escolha do tema antecedeu à busca pela literatura, e após um levantamento bibliográfico, conduziu-se a elaboração do projeto em conjunto com a formulação do problema de pesquisa. Em seguida, foi realizada a busca sistematizada da literatura disponível de livre acesso gratuito, em bases de dados tidas como relevantes na área da pedagogia e da psicologia: Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Scientific Electronic Library Online (SciELO), Education Resources Information Center (ERIC), e Web Of Science, além de contemplar outros trabalhos encontrados via buscador do Google Acadêmico e via referências de trabalhos lidos anteriormente.

Foram utilizados os descritores *creativity and teacher training; criatividade professores; criatividade escola; pedagogia criatividade*. Como critérios de inclusão, foram analisados com prioridade os trabalhos publicados no Brasil, que nos resultados das buscas pelos descritores, apresentavam relação entre criatividade, trabalho docente e ambiente escolar e em menor quantidade, pesquisas em língua inglesa e espanhola. Como critérios de exclusão, foram retirados da análise aqueles que não apresentavam essa relação.

Para organização e fichamento dos estudos encontrados, considerou-se a recomendação de Galvão, Pansani e Harrad (2015) sobre as diferentes fases de uma revisão sistemática, especificamente no que os autores chamam de fase da Identificação. Primeiramente, identificou-se a quantidade de publicações nos bancos de dados e, a partir dos descritores e dos critérios de inclusão e exclusão, foram selecionadas, salvas e acrescentadas ao gerenciador de referências Mendeley, um programa gratuito e disponível para *download* em site com o mesmo nome. Com o uso do gerenciador, foram eliminados os textos duplicados. Na figura abaixo, estão apresentados os artigos encontrados que a partir dos descritores, possuíam relação

entre criatividade e ensino, e após a eliminação dos duplicados, o resultado de artigos selecionados para este estudo, que apresentavam a relação entre criatividade e ambiente escolar.

FIGURA 1 – FLUXOGRAMA DO PROCESSO DE SELEÇÃO DOS ARTIGOS



FONTE: A autora (2019).

A partir das leituras realizadas, pôde-se localizar os teóricos mais citados na revisão de literatura, e então, considerou-se buscar e trazer também, a teoria desses teóricos sobre a criatividade, bem como a criatividade no contexto escolar.

Posteriormente, foi realizada uma pesquisa por meio de questionário *online* (APÊNDICE 1) via ferramenta com fins para criação de formulários, o *Google Forms*, disponibilizado gratuitamente nas funções do servidor *Google*, quando vinculado a uma conta de *webmail*, no *Google Mail*. Em defesa do uso desta ferramenta, Mota (2019) apresenta algumas características do *Google Forms*, são elas “[...] possibilidade de acesso em qualquer local e horário; agilidade na coleta de dados e análise dos resultados [...] facilidade de uso entre outros benefícios.” (p. 373)

E complementa,

A grande vantagem da utilização do *Google Forms* para a pesquisa, seja ela acadêmica ou de opinião é a praticidade no processo de coleta das informações. O autor pode enviar para os respondentes

via e-mail, ou através de um link, assim todos poderão responder de qualquer lugar. (MOTA, 2019, p. 373)

O questionário teve como objetivo identificar, a partir das percepções de professores, a criatividade na ação pedagógica para o desenvolvimento da criatividade dos alunos em sala de aula.

Participaram da pesquisa via questionário no *Google Forms*, dezesseis profissionais atuantes nos anos iniciais do ensino fundamental, dentre eles, doze professoras, três pedagogas e uma profissional atuando como pedagoga e professora. Das dezesseis, sete em escolas particulares e nove em escolas públicas. Sete localizadas na cidade de Curitiba, Paraná; uma na cidade de Campo Magro, Paraná; uma em São José dos Pinhais, Paraná; uma em Almirante Tamandaré, Paraná; uma em Serra, Espírito Santo; uma em São Carlos, São Paulo; uma em Carapicuíba, São Paulo; e três localizadas em Salvador, Bahia.

Os dados obtidos por meio das respostas, implicaram a tarefa de análise, partindo da organização do material, dividindo-o em partes e relacionando as partes, procurando identificar as tendências e padrões nas respostas que fossem relevantes, chegando ao estabelecimento de categorias. (LÜDKE; ANDRÉ, 2013)

### 3 REVISÃO DE LITERATURA

#### 3.1 BREVE DESCRIÇÃO SOBRE CRIATIVIDADE NAS PESQUISAS LEVANTADAS

O estudo da criatividade é relativamente recente. Nas décadas de 1950 e 1960, a criatividade despontava como foco nas pesquisas e para a identificação do perfil do indivíduo criativo. Nas décadas de 1960 e 1970, a criatividade voltava-se para a busca de formas e estratégias de se desenvolver a capacidade criativa dos indivíduos. À essa época, instrumentos e testes sobre criatividade e destinados a crianças e adolescentes foram elaborados. Nas décadas de 1970 e 1980, houve influência da psicologia cognitiva nas pesquisas, e o foco então, era o de analisar o processo criativo como um todo, o desenvolvimento do pensamento criativo e as suas relações com o contexto social, para compreender como se manifesta a criação. A partir de 1980, a visão sistêmica da criatividade norteia as pesquisas, considerando diferentes fatores internos e externos ao indivíduo, em um processo de interação. (PADILHA, 2014)

Em Torrance (1970), a definição de criatividade aparece como “el proceso de apreciar problemas o lagunas en la información, la formación de ideas o hipótesis y la comunicación de los resultados.” (p. 6)

E a definição de capacidade criadora aparece como “La capacidad de creación también ha sido definida como um paso afortunado hacia lo desconocido, alejarse del camino trillado, apartarse de los modelos, estar abierto a la experiencia y permitir que una cosa lleve a otra; recombinar ideas o ver nuevas relaciones entre ellas, etc.” (TORRANCE, 1970, p. 7)

Aragón (2005), refere-se a algumas teorias sobre a natureza da criatividade: “la teoría psicoanalítica”, “la teoría perceptual”, la teoría humanista”, “la teoría factorial”, “la teoría neuropsicofisiológica”.

De acordo com o autor, na “teoría psicocoanalítica” não há influência de condições externas na interação com a criatividade.

el acto creativo tendría lugar en el “inconsciente colectivo” (información contenida de las generaciones precedentes), denominado arquetipo por los clásicos como Freud, o denominado “preconsciente” por psicoanalistas contemporáneos como Kubie y Flach, através del proceso regresivo, producto de la manifestación de

las necesidades del instinto y el consiguiente proceso de libre asociación simbólica. (p. 30)

Na “teoría perceptual”,

La creatividad es sinónimo de pensamiento productivo y solución de problemas. El pensamiento productivo se manifiesta ante la necesidad producida por un estímulo, que genera una insatisfacción o inestabilidad en la conciencia, la cual, una vez satisfecha, adecua y reestructura su campo perceptual ampliándolo, permitiéndole generar nuevas relaciones y asociaciones, denominándose entonces percepción positiva. (p. 30)

Na “teoría humanista”,

constituye el estudio de la creatividad a partir de la personalidad del sujeto creador. Es decir desde un enfoque personalológico. Personalidad creativa es sinónimo de personalidad integrada. El acto creativo se produce por la motivación, asimilación consciente y el esfuerzo dirigido hacia un determinado problema, de forma que luego se internalice al subconsciente para producirse una lucha interna a este nivel, del cual surge el “insight” o intuición y surge algo nuevo. Este proceso comienza con el contacto del individuo con la realidad, a través de la implicación y el compromiso, manifestándose en la realización de lo nuevo, para la satisfacción de las necesidades individuales, realizándose de forma estimulante y gratificante. (p. 30)

Na “teoría factorial”,

se expone el proceso creativo a partir de factores intelectuales y varios rasgos de la personalidad, tanto desde ópticas teóricas como experimentales. En el caso de los factores intelectuales, el máximo representante es Guilford con su teoría del pensamiento divergente, cuyo encuadre generaría, en complementación con el pensamiento convergente operaciones relacionadas, con la fluidez de ideas, asociación, expresión, flexibilidad, originalidad y elaboración semántica. (p. 30)

Na “teoría neuropsicofisiológica”,

Esta teoría le da a la concepción de la creatividad un enfoque biológico. El acto y proceso creativo e intelectual tiene lugar a través de las aferencias sensoriales del cerebro y de su estimulación y activación (Yepsen, B.R. 1988). Esta activación depende sobre todo de los enlaces sinápticos creados a través de las experiencias percibidas e interiorizadas. Los órganos de los sentidos, a partir de los estímulos del medio, son capaces de activar toda la corteza cerebral por medio de los procesos asociativos y mnémicos, a través de los nuevos acoplamientos estructurales que producirá la

integración de esta información con la finalidad particular y específica del individuo, lo que convierte, por tanto, a los sentidos, en puertas a través de las cuales las personas transfieren el mundo físico exterior al interior. De esta forma se da una participación activa al estímulo ambiental [...] (p. 31)

O autor complementa, afirmando que essas e outras teorias apresentam os fatores mais determinantes da criatividade, tornando possível a identificação de indicadores característicos na avaliação de indivíduos criativos, e também possibilitando as várias concepções e conceitos de criatividade, nas suas mais diversas abordagens e tendências. (ARAGÓN, 2005)

Por outro lado, Alencar, Galvão e Fleith (2009) referem-se ao conceito de criatividade a partir de Csikszentmihalyi, Sternberg e Lubart e Torrance,

Creatividad no es um atributo del individuo, pero antes de sistemas sociales que hacen juicios sobre individuos... Son las condiciones sociales y culturales en interacción con las potencialidades del individuo que hacen emerger objetos y comportamientos a que denominamos creativos (CSIKSZENTMIHALYI, 1994, apud ALENCAR; GALVÃO; FLEITH, 2009)

Creatividad es la habilidad de producir trabajo que es tanto nuevo (esto es, original, inesperado) como apropiado (esto es, útil, adaptativo en lo que dice respecto a las características de la tarea (Sternberg & Lubart, 1999 apud ALENCAR; GALVÃO; FLEITH, 2009)

Creatividad es el proceso de tornarse sensible a problemas, deficiencias, lagunas en el conocimiento; identificar la dificultad; buscar soluciones, formulando hipótesis a respecto de las deficiencias, testar y retestar estas hipótesis; y, finalmente, comunicar los resultados (Torrance, 1965 apud ALENCAR; GALVÃO; FLEITH, 2009)

Oliveira e Alencar (2012) apresentam três modelos da abordagem de caráter sistêmico, nos estudos sobre criatividade relacionados aos fatores ambientais como um de seus elementos determinantes.

Observa-se que, somente nos últimos 20 anos, o foco nos aspectos ligados ao indivíduo para explicar o fenômeno da criatividade deu lugar a uma nova visão que, além da influência de habilidades e traços de personalidade, dá ênfase a elementos relacionados ao ambiente (Alencar & Fleith, 2003b). Nessa nova abordagem de caráter sistêmico, destacam-se três modelos, a saber: a Teoria de Investimento em Criatividade de Sternberg, o Modelo Componencial de Criatividade de Amabile e a Perspectiva de Sistemas de Csikszentmihalyi. (OLIVEIRA; ALENCAR, 2012, p. 542)

Quanto à Teoria de Investimento em Criatividade de Sternberg, Sternberg e Lubart (1999), propõem a existência da criatividade a partir de seis recursos inter-relacionados: habilidades intelectuais, conhecimento, estilos de pensamento, personalidade, motivação e ambiente adequado. Em caso de algum desses componentes inter-relacionados apresentar limites, que possam impedir a criatividade, há possibilidade de compensação parcial, estimulando-se outros componentes. (OLIVEIRA; ALENCAR, 2012)

O Modelo Componential da Criatividade de Amabile (1996), propõe que um produto é criativo quando útil, novo, correto, ou de valor para alguma tarefa, quando “a tarefa é heurística e não algorítmica” (OLIVEIRA; ALENCAR, 2012, p. 542)

E Amabile (1983) traz a definição de tarefas algorítmicas como sendo aquelas que apresentam um caminho simples para sua resolução. Já as tarefas heurísticas são as que não apresentam um caminho para solução tão simples.

[...] algorithmic tasks are those for which the path to the solution is clear and straightforward – tasks for which an algorithm exists. By contrast, heuristic tasks are those not having a clear and readily identifiable path to solution – tasks for which algorithms must be developed. In this terminology, path to solution is taken in its most general sense; it refers to that set of cognitive and motor operations that lead to an acceptable response or product in the domain of endeavor. (AMABILE, 1983, p. 360)

Pode-se fazer um paralelo com a dicotomia entre exercício e problema, existente na teoria da metodologia de resolução de problemas, presente no ensino da matemática. O exercício é “uma atividade de treinamento [...] no uso de alguma habilidade ou conhecimento matemático adquirido anteriormente pelo aluno, por exemplo, a aplicação de uma fórmula ou um algoritmo.” (SILVA, 2016, p. 2), é a aplicação de resultados memorizados. Já o problema “refere-se a uma situação desafiadora, que exige do aluno criatividade, originalidade, reflexão e tomada de decisões [...]” (SILVA, 2016, p. 2)

Nesse modelo de Amabile, três componentes interagem, são eles: as habilidades de domínio relacionadas ao amplo conhecimento, habilidades técnicas e talento especial em determinada área; os processos criativos relacionados ao estilo cognitivo, a aplicação da heurística na exploração de novos percursos cognitivos e o

estilo de trabalho; e a motivação intrínseca relacionada ao envolvimento que a pessoa tem com a tarefa que se propõe a cumprir. (OLIVEIRA; ALENCAR, 2012)

A Perspectiva de Sistemas de Csikszentmihalyi, propõe que a criatividade é resultado da interação de também três fatores, são eles: o domínio, o indivíduo e o campo. “O domínio transmite informações ao indivíduo, e este produz variações que, por meio do campo, podem ou não ser incorporadas a esse domínio.” (OLIVEIRA; ALENCAR, 2012, p. 542) e um sistema influencia o outro ao mesmo tempo. O produto criativo será julgado dentro de um campo influenciado por uma cultura, podendo deixar de ser criativo em outra época. (OLIVEIRA; ALENCAR, 2012)

Em geral, as pesquisas encontradas relacionando a criatividade ao campo educacional, apresentam a criatividade como um fenômeno, que após ser investigada a partir das capacidades humanas internas, sem considerar as influências externas ao sujeito, agora passa a considerar o contexto social. A visão sistêmica da criatividade é a que se apresenta com maior frequência nas pesquisas atuais levantadas por este estudo, apresentando a ideia de integração entre os processos internos e externos ao indivíduo. O autor Aragón (2005) retrata de maneira única, a criatividade nas diferentes teorias com seus respectivos autores. Os demais autores que pesquisam a relação entre criatividade e escola, apresentam sinteticamente os conceitos referenciados na visão sistêmica.

### 3.2 A CRIATIVIDADE NO CONTEXTO ESCOLAR

Existem atualmente, inúmeras pesquisas direcionadas à obtenção de dados, acerca das práticas docentes favoráveis ao desenvolvimento da criatividade no ensino superior, nos cursos de Pedagogia, demais licenciaturas, nos cursos de pós-graduação e no trabalho realizado com jovens do ensino médio, abordando disciplinas específicas e, por vezes, a relação das práticas com as TIC's - Tecnologias da Informação e da Comunicação. A intenção aqui não é desconsiderar essas pesquisas, mas sim, conhecê-las para contextualizar os objetivos direcionados neste trabalho, que consiste em identificar e compreender o que dizem as pesquisas publicadas sobre o professor e o pedagogo em ambiente escolar como sujeitos criativos em suas práticas, e no atendimento que corresponde à primeira etapa do ensino fundamental, de 1º ao 5º ano na promoção do desenvolvimento da criatividade em seus alunos.

A importância de se promover um ambiente educativo para a criatividade está no fator determinante que o contexto social desempenha na estimulação das habilidades criativas. (MATOS; FLEITH, 2006)

É o que confirma Amabile (2019), ao relembrar seus experimentos realizados no ano de 1982, com o fim de verificar se motivadores extrínsecos e restrições no ambiente social podem prejudicar a criatividade dos indivíduos.

[...] These experiments demonstrated that creativity can indeed be undermined by several extrinsic factors that also undermine intrinsic motivation: expected evaluation, surveillance while working, contracted-for reward, competition with peers, restricted choice in task materials, and a mere focus on extrinsic motivators. (AMABILE, 2019, p. 7)

Os vários fatores prejudiciais à criatividade citados pela autora, ocorrem nos diferentes ambientes sociais, inclusive no contexto escolar.

O autor Lawson (2003), professor de arquitetura da Universidade de *Sheffield*, no Reino Unido, em seu livro "*How designers think*" destinado a desmistificar o processo do design, abre espaço na discussão para discorrer sobre a educação para a criatividade e expor que o profissional que cria, um dia foi aluno escolarizado. E que, o contexto escolar pelo qual o profissional passou em seu processo de escolarização, deve ser para o estudante, um ambiente em que a livre expressão do pensamento é encorajada.

One school of thought may suggest that students should be allowed a free and open-ended regime in which free expression is encouraged. (LAWSON, 2003, p.155).

Ou seja, constatar o fato de que a escola é possivelmente o espaço de maior permanência na vida do estudante e também, possivelmente sua principal fonte de acesso aos conhecimentos científicos, serve de embasamento para ser este, o local que deve promover e encorajar tentativas e erros no processo de ensino e aprendizagem do aluno.

[...] é imprescindível que, no âmbito educacional, a escola disponibilize meios que ampliem a experiência da criança, visto que, quanto mais elementos da realidade ela tiver à disposição na sua experiência, mais importante e produtiva será sua imaginação e, por conseguinte, mais fecundo ocorrerá o desenvolvimento da criatividade. (OLIVEIRA; LIMA, 2017, p. 1402)

Alencar e Fleith (2003a), em seu livro “*Criatividade: Múltiplas Perspectivas*”, discutem que o interesse pela área da criatividade como campo de pesquisa, atraiu a atenção dos pesquisadores no ano de 1950, após o discurso de Guilford, um teórico representante da Psicologia, conhecido pelo seu *Estudo Psicométrico da Inteligência Humana*. O autor Simonton (2000) confirma que Guilford obteve êxito em convidar os pesquisadores a dedicarem estudos sobre o fenômeno da criatividade.

in his classic 1950 presidential address before the American Psychological Association, Guilford made a plea on behalf of making creativity a more focal point of psychological inquiry (Guilford, 1950). Fortunately, many psychologists responded to the call, and creativity research really boomed in the 1960s and early 1970s. Moreover, after a slight lull of a decade or so, psychologists have shown a renewed interest in the phenomenon. (SIMONTON, 2000, p. 151)

Ainda, as autoras Alencar e Fleith (2003a) apresentam alguns autores e os situam em suas respectivas linhas teóricas, com o intuito de exibir uma análise destes que realizam críticas e considerações acerca da escola, como é o caso de Kubie (1967), citado pelas autoras a partir do tópico, Contribuições da teoria psicanalítica para a criatividade:

Com relação à educação, Kubie (1967) criticou a escola pelo seu fracasso em favorecer a criatividade do aluno. Ele condena a pressão à submissão, ao conformismo e ao hábito compulsivo de trabalhar, além do excesso de exercícios repetitivos que prejudicam o pensamento espontâneo e intuitivo. (ALENCAR; FLEITH, 2003a, p. 67).

Também, no tópico a seguir, contribuições da psicologia humanista em relação à escola, as autoras apresentam a visão de Rogers (1969), ao citar que

Com relação à educação, Rogers (1969) comenta a respeito do fracasso da escola em favorecer a criatividade, por ela dar ênfase exagerada ao conformismo, à passividade e à estereotipia, em detrimento de certas condições, como a intuição, a abertura aos sentimentos e às emoções, aos interesses estéticos e à curiosidade. (ALENCAR; FLEITH, 2003a, p. 72).

Em artigo publicado por Rogers (1954), intitulado *Toward a Theory of Creativity*, já dizia o autor que a educação não formava para o pensamento criativo, “in education we tend to turn out conformists, stereotypes, individuals whose education is “completed”, rather than freely creative and original thinkers.” (p. 249)

E, no tópicos sobre as contribuições da teoria comportamental para a criatividade, as autoras citam Skinner (1974) para pensar o comportamento criativo e a relação com o ambiente de forma que este exerça influência sobre o comportamento, “[...] O importante não é pensar em novas formas de comportamento, mas criar um ambiente no qual elas possam ocorrer”. (ALENCAR; FLEITH, 2003a, p. 75)

Afinal, Skinner (1974) propõe que “O comportamento intelectual e criativo de uma criança é modificado pela escola que frequenta, por seus programas de instrução e pelo comportamento de seus professores e supervisores”. (p. 159)

A reprodução e a repetição dos conteúdos limitam a oportunidade de expressar as ideias e acabam suprimindo a autonomia do aluno, atuando como fator significativo na desmotivação em sala de aula. (ALENCAR; FLEITH; BORUCHOVITCH; BORGES, 2015)

O autor Torrance (1970) afirma que alunos da escola primária e secundária à época, eram considerados por seus educadores como não tendo capacidade para o pensamento científico e criativo.

Por esta causa, la introducción de la ciencia em los programas de estudios se postergaba, hasta hace poco, para hacerlo em la escuela superior e inclusive entonces era presentada como um cuerpo de conocimiento acumulado que debía ser transmitido por autoridad, pero no era enseñada como una forma de pensar o una cadena de descubrimientos e investigaciones. (TORRANCE, 1970, p. 9)

E ao discorrer sobre a manifestação da criatividade nas diferentes etapas educativas, afirma que crianças já em fase pré-escolar possuem um pensamento criador a partir da recordação e daquilo que lhe é conhecido, para produzir algo. Mas, que os estudiosos da época negavam esta hipótese, o que colaborou para que

este concepto erróneo tende a exagerar la importancia de proporcionar um ambiente estimulante em perjuicio de proporcionar um ambiente comprensivo, y a estimular la memorización y la repetición em perjuicio de la solución de problemas, del pensamiento creador y de la toma de decisiones. (TORRANCE, 1970, p. 8)

Alencar e Fleith (2008) comentam sobre a complexidade de se promover um ambiente para o potencial criativo, diante de inúmeros fatores que influenciam e são influenciados diretamente.

o tipo de ambiente que facilita o desenvolvimento e realização do potencial criativo depende de muitos fatores, como por exemplo, dos interesses do indivíduo, seu nível de potencial criativo, background de conhecimentos, disponibilidade de tempo para se dedicar uma área específica, sendo complexa a interação entre os múltiplos elementos que têm influência na expressão da criatividade. (ALENCAR; FLEITH, 2004, p. 110)

E Moraes e Pinho (2017) ressaltam a implicação de um contexto educativo que se renova nos caminhos e nas estratégias de ensino. Afirmam que a escola acompanha a contemporaneidade, sendo essa “marcada por grandes mudanças científicas, tecnológicas e planetárias; tais modificações afetam a dimensão social, ambiental, econômica e cultural.” (p. 317).

Com as mudanças tecnológicas evidenciadas nos tempos atuais, Borges e Fleith (2018) pesquisaram sobre as influências do uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) nas práticas pedagógicas, e a influência desse uso na criatividade e na motivação dos alunos no ensino fundamental. A pesquisa contou com a participação de 76 alunos do 5º ano do ensino fundamental, a partir de respostas a três instrumentos sobre criatividade, clima de sala de aula e motivação para aprender. Os resultados obtidos na pesquisa apontaram para a “desmistificação” da ideia de que o uso de tecnologias na prática docente é condição essencial nos dias atuais, para o desenvolvimento da motivação e da criatividade dos alunos.

Entretanto, as autoras comentam sobre a necessidade de se investigar a fundo, o modo como os professores utilizam essas tecnologias em sala de aula.

[...] foram encontrados entre os estudantes das escolas sem TIC (Interesse do aluno pela aprendizagem e motivação extrínseca). Nesse sentido, cabem alguns questionamentos: De que forma as TIC estão sendo utilizadas em sala de aula? Os professores apresentam competências para seu uso? Os alunos estão sendo incentivados e orientados a explorar todos os potenciais oferecidos por esses recursos? Há interesse dos alunos em utilizá-los? Essas questões foram investigadas indiretamente, por meio do relato de coordenadores pedagógicos e gestores, o que representa uma limitação deste estudo. Informações mais precisas poderiam ter sido obtidas pela observação do uso das TIC em sala de aula, bem como pela realização de entrevistas com os professores e estudantes. Isso enriqueceria a análise e discussão dos resultados. (BORGES; FLEITH, 2018)

### 3.3 O QUE DIZEM AS PESQUISAS SOBRE A CRIATIVIDADE NA AÇÃO DO PROFESSOR E DO PEDAGOGO

Os professores criativos são altamente sensíveis, engenhosos, flexíveis, dispostos e inconformistas. Estabelecem relações criativas com estudantes e são capazes de empreender tarefas difíceis, mesmo com um trabalho árduo. (TORRANCE, 1970)

Reibnitz e Prado (2003) afirmam que o professor deve ser facilitador e criador de oportunidades em sala de aula, despertando a motivação nos alunos para a ação investigativa. “O professor é, enfim, um estimulador da capacidade crítico-criativa, e neste papel, deve promover a liberdade e desafiar a razão.” (p. 440)

Algumas pesquisas objetivam encontrar as barreiras que dificultam a promoção da ação criativa em sala de aula. No estudo de Alencar e Fleith (2008), identificou-se como barreiras à promoção de condições favoráveis ao desenvolvimento da criatividade por professores de escolas públicas e particulares, o elevado número de alunos em sala de aula, a existência de alunos com dificuldade de aprendizagem e o baixo reconhecimento do trabalho do professor. Ainda, “três outras barreiras que tiveram expressiva indicação foram a extensão do programa a ser cumprido no decorrer do ano letivo, desinteresse do aluno pelo conteúdo ministrado e a escassez de material didático disponível na escola.” e “as barreiras menos apontadas foram: insegurança para testar novas práticas docentes, falta de autonomia na forma de conduzir as atividades docentes e falta de entusiasmo pela atividade docente.” (ALENCAR; FLEITH, 2008, p. 61).

No estudo de Alencar e Fleith, nove professores utilizaram um espaço específico no questionário em conjunto com o Checklist, para acrescentar outras barreiras. Abaixo estão as relacionadas ao aluno, à família, à ausência de espaço físico, ao professor, à percepção negativa da comunidade em relação ao professor, ao preço elevado de equipamentos para projetos inovadores. (ALENCAR; FLEITH, 2008, p. 6)

Alunos imaturos e com diferentes tipos de problemas de aprendizagem ou comportamento [...] Falta de apoio, envolvimento, interesse, incentivo, participação e acompanhamento dos familiares ao educando, além da baixa renda e desequilíbrio familiar [...] Ausência de espaço físico adequado, escassez de equipamentos, falta de cursos oferecidos pela instituição para capacitação docente,

ausência de orientação no que diz respeito à metodologia a ser utilizada, qualidade e obrigatoriedade dos livros adotados e falta de professores para áreas específicas [...] Baixa remuneração, falta de apoio e de reconhecimento social, trabalho cansativo e estressante, falta de tempo para estudo, planejamento, pesquisa e intercâmbio de idéias com colegas [...]” (ALENCAR; FLEITH, 2008, p. 6)

Como método do estudo acima, foi aplicado a uma amostra de 398 professores de 1ª a 4ª série, etapa correspondente à nova nomenclatura dos anos iniciais, no ensino fundamental, o instrumento “Checklist de barreiras à promoção da criatividade em sala de aula” junto a um questionário que incluía uma “escala sobre práticas docentes que favoreciam o desenvolvimento da criatividade do aluno” (ALENCAR; FLEITH, 2008, p. 61)

O professor no ambiente educativo exerce influência determinante no nível de criatividade do aluno, assim como a família também, na medida em que encoraja e reforça em seus filhos, as características consideradas necessárias para a expressão das habilidades criativas dos alunos. Mas em específico, a ação do professor pode estimular ou inibir no ambiente escolar, as possibilidades de manifestação, desenvolvimento e expressão dessas habilidades. (ALENCAR; RODRIGUES, 1978)

Um segundo grupo de influências na determinação do nível de criatividade do indivíduo está diretamente ligado ao clima educacional e às características e comportamentos do aluno que o professor estimula ou tenta desenvolver. Na medida em que este facilita a emergência de comportamentos ou características que contribuem para o processo criativo, através de métodos de ensino que estimulem o aluno a pensar independentemente, a testar as suas idéias, a se envolver em atividades que requerem o emprego de diferentes habilidades intelectuais, ele está contribuindo para uma maior performance criativa de seus alunos. (ALENCAR; RODRIGUES, 1978, p. 76)

Nakano (2009), após realizar o levantamento e a análise de pesquisas brasileiras realizadas sobre criatividade junto a professores, também afirma que a responsabilidade pelo processo criativo em sala de aula, está na prática do professor, mas também está na ação e no vínculo do aluno com as atividades de sala de aula.

[...] as atitudes dos professores influenciam de forma direta na criatividade dos alunos [...] e a tomada de consciência do papel que desempenham no desenvolvimento cognitivo, social e emocional dos alunos deveriam ser trabalhados junto aos professores durante sua

própria formação, constantemente avaliados na sua prática profissional e incorporados ao processo de ensino-aprendizagem. Ao mesmo tempo torna-se importante transferir o papel do professor como único propiciador da criatividade no processo de aprendizagem, dividindo essa responsabilidade com o aluno. (NAKANO, 2009, p. 48)

Embora sejam reconhecidos os fatores favoráveis ao desenvolvimento do potencial criativo, são inúmeras as dificuldades e limitações que impedem o ambiente escolar de compor um clima favorável à criatividade. “A começar pela dificuldade dos professores em identificar a criatividade na sala de aula por desconhecimento das suas características.” (NAKANO, 2009, p. 50)

[...] é indiscutível que os recursos de personalidade que estes possuem influirão na sua ação como sujeito da relação interativa com os alunos, justificando a necessidade de treinamento e desenvolvimento da sua própria criatividade, incluindo a aquisição de um repertório de comportamentos adequados a serem praticados pelos professores, tais como o reforço do comportamento apresentado pelos alunos, a criação de um ambiente de resistência ao conformismo, o oferecimento de um refúgio seguro para os estudantes quando eles forem expostos a críticas feitas por outros alunos e professores e a garantia de uma atmosfera permissiva à criatividade em sala de aula. (NAKANO, 2009, p. 51)

Alencar e Rodrigues (1978) apontavam para a emergência de professores reconhecerem as características relacionadas à criatividade em seus alunos, a fim de encorajá-las em sala de aula, tendo em vista que, em pesquisa realizada por elas, professores à época sinalizavam interesse em alunos que tivessem características comportamentais “no sentido de fácil manejo, obediente, ajustado às normas sociais da classe média” em detrimento de outras características que “facilitariam o desenvolvimento do pensamento crítico e do pensamento divergente dos alunos.” (p. 92)

Essa preferência do professor pelo aluno com características mais ajustadas, pode comprometer a expressão criativa dos alunos. Outra procedência que pode ocasionar no bloqueio da expressão criativa em sala de aula é apresentada por Morais e Fleith (2017), e está na associação que professores podem fazer entre criatividade e indisciplina. As autoras afirmam que pesquisas da área investigaram a preferência de professores por alunos pontuais e obedientes do que alunos identificados como criativos, e isto, pela preocupação de que as características associadas a criatividade, tais como autonomia, autoconfiança e curiosidade são difíceis de serem geridas em sala de aula. (p. 7)

Cropley (1997) também comenta que pais e professores podem sentir-se desconfortáveis em relação ao incentivo da criatividade na escola, por relacioná-la a características como rebeldia, desobediência ou mau comportamento, ou por associá-la ao fomento da intimidação, da pretensão e do elitismo.

E complementa,

[...] it is not necessary for teachers interested in fostering creativity to set their sights on achieving scientific, technological, literary, artistic, or other revolutions (although fostering creativity in the classroom might make a modest contribution in this direction by sowing the seeds). The processes and personal properties involved in fostering creativity in the classroom are seen in all children and young people, and fostering creativity brings benefits for all students [...]. (CROPLEY, 1997, p. 2)

E é levando em consideração, os benefícios que a promoção da criatividade traz para todos os alunos e também para a equipe docente, que Torrance (1970), já na década de 1970, convida os professores a pensar oportunidades para os seus alunos na sala de aula.

Propõe o autor que se ofereça um programa de estudo com muitas oportunidades para criar, a partir de tarefas que exijam do aluno trabalhos originais, estudos independentes, projetos autônomos, experimentações, proposição de problemas a serem solucionados que incentivem o pensamento criador e não a memorização, atividades que liguem problemas a outros; a apresentação aos alunos de pessoas que são reconhecidas por desenvolver um trabalho criativo.

Também propõe que o professor cativem os alunos para o estudo com fins a lhes render satisfação, e não por autoridade; que busque estimular a curiosidade, e respeitar as perguntas que por vezes lhes parecem bobas; que dê valor às ideias e soluções apresentadas pelos alunos e, modos de fazer isso, são considerá-las, propor a verificação delas, comunicando-as aos outros e dando crédito ao aluno por elas; que o professor fomente experiências para a sensibilidade aos estímulos ambientais; incentive a atitude construtiva para pensar possibilidades e aplicações, ao invés de apenas uma atitude crítica de apontar defeitos; e que o professor evite exemplos e ilustrações que canalizem o pensamento para o óbvio e o comum. (TORRANCE, 1970)

Outra postura do professor em sala de aula, que o autor apresenta é o da avaliação imediata, pois, esta pode inibir os alunos de buscar soluções inusitadas.

“También debemos proporcionar oportunidades para que los niños aprendan, piensen y descubran, sin la amenaza de que los califique em forma imediata.” (p. 23)

E Torrance (1970) complementa “para estimular la originalidade del pensamiento es preciso dar a entender claramente qué esperamos y recompensaremos este tipo de pensamiento.” (p. 28)

O pedagogo em gestão é responsável também pela ação criativa no contexto escolar, e para tanto deve contribuir com os planejamentos didáticos realizados em comum com os professores, de modo a oferecer-lhes autonomia para desenvolver novas práticas e ampliar as possibilidades de planejamento conjunto com a proposição de atividades e metodologias estratégicas às potencialidades e necessidades de cada turma, e principalmente, aos alunos individualmente, com os planejamentos adaptados.

De modo que o pedagogo possa pensar junto ao professor, práticas educativas que visem o papel ativo do aluno em seu processo de aprendizagem, a participação individual e coletiva nas interações, trocas de experiências e soluções de problemas, estarão estes profissionais contribuindo para o desenvolvimento da criatividade. (OLIVEIRA; ALENCAR, 2012)

Parte fundamental no trabalho do pedagogo escolar é a gestão da aprendizagem dos alunos, que deve ser encaminhada em conjunto com a equipe docente e também deve contar com a participação dos demais funcionários da escola. Pois, é fundamental que a equipe de funcionários compartilhe de ações que em conjunto e colaborem para um clima promotor de criatividade, incentivando, além da equipe gestora e da equipe docente.

O objetivo maior da comunidade educacional revela-se, por tanto, o de se estabelecer uma comunidade de ensino efetivo, onde persevere, coletivamente, não somente o ideal de ensinar de acordo com o saber produzido socialmente, mas o de aprender, em acordo com os princípios de contínua renovação do conhecimento, criando-se um ambiente de contínuo desenvolvimento [...] (LÜCK, 2009, p. 16)

As famílias representam um papel importante na promoção da criatividade nas escolas, mas em pesquisa realizada por Boruchovitch et al (2013), constatou-se que gestores e coordenadores pedagógicos apontaram a família como um dos fatores que dificultam a promoção de motivação dos alunos, devido à baixa importância que as famílias têm sobre o tema.

Seguramente a necessidade de os pais trabalharem em demasia, sem tempo para supervisionar os estudos dos filhos, famílias em que apenas uma das figuras parentais está presente tendo que atender a inúmeras demandas, condições precárias em termos de recursos, instalações, espaço e material didático, mais frequentemente observadas em famílias de baixa renda, são elementos que se constituem fatores de risco e podem afetar o envolvimento do aluno em suas atividades escolares, com impacto negativo em seu nível de motivação, devendo, portanto, ser foco de ações preventivas por parte das escolas. (p. 437)

Resultados obtidos por Alencar et al (2015) sobre a percepção de professores e gestores escolares em relação aos fatores inibidores e facilitadores da criatividade no ensino fundamental, apresentaram respostas desses profissionais, sobre possíveis soluções para eliminar os fatores que dificultam a promoção da criatividade em sala de aula, são elas, “investimento na formação e capacitação de professores, seguido de apoio ao docente por parte da equipe da escola e do governo.” (p. 112)

Ainda sobre o papel do coordenador pedagógico, Oliveira e Alencar (2010) apresentam que esse profissional, na escola, deve contribuir com as práticas docentes, para que sejam mais criativas.

Entre as maneiras como o coordenador pode fomentar a criatividade no contexto escolar destaca-se a construção de um trabalho pedagógico coletivo que dê atenção à prática docente. Isso pode acontecer durante o acompanhamento em reuniões ou mesmo em conversas informais e por meio do investimento na formação continuada do professor, incluindo o planejamento de práticas de ensino mais criativas e desafiadoras. (OLIVEIRA; ALENCAR, 2010, p. 383)

As autoras também destacam a falta de estudos na área, sobre as características que um coordenador pedagógico deve apresentar, para que contribua com a criatividade nas práticas docentes.

[...] a ausência de estudos sobre a percepção desse especialista com relação ao perfil profissional que um coordenador pedagógico deve apresentar, para ser considerado um estimulador da criatividade docente, revela um lamentável esquecimento da importância do seu envolvimento profissional no processo ensino-aprendizagem. (OLIVEIRA; ALENCAR, 2010, p. 383)

Em geral, as pesquisas apontam para a identificação das barreiras que impedem os professores de realizar ações criativas nas escolas, relacionadas aos alunos, à extensão do currículo a ser contemplado nas aulas, à falta de material didático, de tecnologia disponível para auxiliar nas pesquisas durante as aulas, à falta de formação docente, entre outras barreiras que impedem o professor de criar e desenvolver a criatividade nos alunos. São poucas as pesquisas que apontam para as barreiras relacionadas ao trabalho do pedagogo escolar, mas indicam este profissional como sendo responsável por contribuir e oferecer autonomia aos professores, visando a aprendizagem do aluno, para que este participe das interações e trocas de experiências. É também papel do pedagogo dialogar com as famílias, sobre a criatividade e a sua importância na vida dos alunos, para que se crie um vínculo entre as percepções da família sobre o tema e as influências das ações pedagógicas promotoras de criatividade na escola. Pois, o pedagogo e o professor não são os únicos responsáveis pelo incentivo à criatividade na vida escolar e pessoal dos alunos.

Ainda, diante de tantas barreiras, o professor representa um fator determinante no desenvolvimento da criatividade em sala de aula, mas que se não identificar a criatividade nos alunos, dificilmente estimulará comportamentos criativos, tais como a curiosidade e a autonomia. Além de que, dificilmente proporá ações, tais como novas avaliações da aprendizagem, de modo que não sejam essas também barreiras da promoção à criatividade.

### 3.4 E O QUE PENSAM OS PROFESSORES E PEDAGOGOS DE 1º AO 5º ANO SOBRE A CRIATIVIDADE EM SEU TRABALHO?

A partir do questionário *online* contendo oito questões de múltipla escolha e de resposta discursiva com justificativa, obteve-se respostas que confirmam alguns apontamentos encontrados por Alencar e Fleith (2008) sobre a segurança que os professores têm em sua atuação docente na promoção da criatividade em sala de aula,

Os docentes se consideram, pois, preparados para propiciar as condições necessárias ao desenvolvimento e expressão da criatividade do aluno. Resultados similares a esses foram obtidos por Carvalho e Alencar (2004). Nota-se que apesar de os professores, de

modo geral, apresentarem limitada formação pedagógica, com reduzido conhecimento teórico a respeito de criatividade, deixaram de apontar esse aspecto como barreira à promoção de condições adequadas ao cultivo da criatividade em sala de aula. (ALENCAR; FLEITH, 2008, p. 6)

Mourão e Martínez (2006) afirmam que “[...] a percepção do professor acerca da própria criatividade é objeto de estudos de suma importância”, tendo em vista as influências da percepção na manifestação e no desenvolvimento da ação criativa. Por essa razão, a necessidade de investigar as percepções de professores e pedagogos.

Em respostas à pergunta: “Você se identifica como sendo um profissional criativo? Por quê?” obteve-se

Sim, pois procuro individualizar a prática, tornando a aula mais artesanal possível, dinâmica e contextualizada para além dos muros da escola. (PROFESSORA DE 5º ANO EM ESCOLA PARTICULAR)

Sim. Sempre faço atividades diferentes e que despertam o interesse e criatividade dos alunos. (PROFESSORA DE 2º E 5º ANOS EM ESCOLA PÚBLICA)

Sim. Porque estou sempre me aperfeiçoando, buscando pesquisar novas formas de inovação. (PEDAGOGA E PROFESSORA DE 2º E 3º ANOS EM ESCOLA PÚBLICA)

Sim. Gosto de inovar sempre, buscando sempre o melhor, o mais dinâmico e prazeroso para meu aluno. (PROFESSORA DE 1º ANO EM ESCOLA PARTICULAR)

Sim... Sempre trago novidades, aulas concretas, adaptações das atividades de colegas, das que busco na internet, além de adaptar àquelas que não deram muito certo elaboradas por mim. (PROFESSORA DE 1º ANO EM ESCOLA PARTICULAR)

Na maioria das vezes sim. Busco sempre estar atendendo nas demandas da minha turma, sempre estou lendo e fazendo reciclagem de conhecimentos adquiridos. Busco aprimorar minha prática o máximo possível. A autoavaliação é primordial para professor que busca evoluir na sua prática docente. (PROFESSORA DE 1º ANO EM ESCOLA PARTICULAR)

Sim, pois procuro sempre trabalhar os conteúdos de forma diferenciada e gosto muito de trabalhar com jogos matemáticos. (PROFESSORA DE 4º E 5º ANOS EM ESCOLA PARTICULAR)

Completamente. Adoro pesquisar e descobrir metodologias que se adequem aos meus alunos, adoro vê-los tendo espaço para expor

suas opiniões, propor ideias, dialogar e se sentir autônomos. (PROFESSORA DE 4º E 5º ANOS EM ESCOLA PÚBLICA)

Sim, porque sempre coloquei em primeiro lugar as necessidades do aluno, a educação de qualidade, o trabalho em conjunto, o aprendizado dentro de um contexto, diversificando os momentos pedagógicos. (PEDAGOGA DE 1º A 5º ANOS EM ESCOLA PÚBLICA)

Sim, pois sempre busco melhorar meus métodos de ensino e buscar de alguma forma instigar o aluno pela busca do conhecimento de maneiras diferentes da tradicional. (PROFESSORA DE 1º A 4º ANO EM ESCOLA PARTICULAR)

Sim, faço atividades diferentes para meus alunos com ênfase na aprendizagem deles. (PROFESSORA DE 3º ANO EM ESCOLA PÚBLICA).

Sim. Procuo sempre trazer novidades no processo de ensino, pensando principalmente, nos alunos que apresentam dificuldades. (PROFESSORA DE 1º E 2º ANO EM ESCOLA PARTICULAR)

Sim, porque crio caminhos inusitados para alcançar meus objetivos. (PROFESSORA DE 5º ANO EM ESCOLA PÚBLICA)

Sim, conseguir trabalhar em escola pública aonde a maioria das crianças não tem nada tem que ser criativo. (PROFESSORA DE 3º E 4º ANO EM ESCOLA PÚBLICA)

Do que estão falando essas professoras e pedagoga quando dizem que individualizam, inovam, tornam a aula artesanal, contextualizam além dos muros, trabalham de forma diferenciada? Como fazem elas para descobrirem novas metodologias? Como fazem elas para instigar o aluno na busca do conhecimento? O que quer dizer a professora que utiliza de maneiras diferentes da tradicional? Que maneiras são essas? Como se explicariam os caminhos chamados de inusitados para o alcance dos objetivos?

Essas são questões que causam certa curiosidade, após a leitura das respostas. De acordo com Martinez (2006 citado por OLIVEIRA; ALENCAR, 2012) “existe na escola uma tendência em introduzir coisas novas em sala de aula sem haver, no entanto, uma preocupação com os reais efeitos que elas podem produzir na aprendizagem e no desenvolvimento dos alunos.” (p. 548) e que essa introdução sem intencionalidade, de nada adianta.

Será que esses profissionais estão conscientes dos resultados que pretendem alcançar com a introdução dessas práticas? Este não representa

também, o processo de aprendizagem do professor? Pois, enquanto ele se preocupa em trazer para seus alunos novas propostas, está constantemente realinhando suas estratégias com o plano de onde se quer chegar. Isto se há a intenção de contribuir com a aprendizagem de seus alunos.

O entendimento pela professora, de uso da criatividade como ferramenta de sobrevivência do professor em um contexto de escola pública em que há falta de recursos, lembra bem os comentários do estudo de Alencar e Fleith (2007), em que professores ressaltaram “a necessidade de recursos materiais e estrutura física adequada como elementos importantes para a expressão criativa do professor em seu trabalho docente.” (p. 233) e lembra também, comentários do estudo de caso realizado por Oliveira, Silva e Cavalcante (2015), cujos “[...] desafios permanentes vivenciados pela classe docente, provocados pela limitação de recursos materiais em instituições escolares, pela baixa remuneração [...]” (p. 128) também influenciam na ação criativa do professor.

Em resposta à mesma questão, duas participantes, ambas pedagogas de escolas públicas, apresentam algumas barreiras que pesquisas na literatura já apontaram como impeditivas de ações criativas no trabalho do pedagogo. (OLIVEIRA; ALENCAR, 2010)

Nem sempre. Possuo muitas ideias que tanto eu, quanto meus colegas, consideram ousadas, porque demandam tempo e dedicação para a execução, já que são pouco convencionais, visando apresentar algo alternativo ao comum, para ampliar o interesse e o universo de conhecimentos das crianças, e deixar os professores um pouco mais leves no ambiente de trabalho. A questão é que, com o alto grau de demanda de trabalho que eu tenho, me falta tempo e energia para essas ações com mais frequência. (PEDAGOGA DE 1º ANO EM ESCOLA PÚBLICA)

Parcialmente criativo, pois as atividades burocráticas engessam as possibilidades de criação ao reduzirem a autonomia dos profissionais. (PEDAGOGA DE 1º A 5º ANO EM ESCOLA PÚBLICA)

A barreira que advém da alta demanda de trabalhos administrativos e de atividades burocráticas, impossibilitam e bloqueiam na prática, a autonomia da equipe escolar, resultando na perda de oportunidades para o pedagogo aprofundar-se nos conteúdos curriculares e no uso de novas estratégias, com fins de contribuir para a aprendizagem dos alunos, ou para o desenvolvimento de práticas criativas. São os atendimentos às famílias, o preenchimento de fichas, relatórios, diários de

reuniões, atendimentos de rotina com o núcleo regional da escola, formação continuada, reuniões para a criação e a atualização do Plano Político Pedagógico da instituição, reuniões com a equipe gestora, organização de cronogramas, atividades extracurriculares, atendimento à estagiários, profissionais de apoio, momentos de planejamento com os professores regentes e professores de área, organização dos conselhos e pré-conselhos de classe trimestrais, dentre outras funções que fazem parte da rotina do pedagogo escolar.

Gestores e orientadores educacionais apontaram a burocracia como um dos elementos da natureza administrativa no trabalho do pedagogo, que em conjunto com outros elementos, representa fator inibidor na promoção de condições favoráveis à criatividade na escola. (OLIVEIRA; ALENCAR, 2010)

Resultados encontrados por Ribeiro e Fleith (2007) com 82 professores universitários, sobre a percepção desses em relação ao estímulo da criatividade nos cursos de licenciatura, demonstraram desatenção dos professores em relação ao estímulo da criatividade como sendo um componente importante nesse nível de ensino. E complementam dizendo que essa desatenção pode ser explicada por ideias equivocadas sobre a criatividade “como, por exemplo, a crença de que a criatividade depende de fatores intrapessoais e inatos, não sendo possível seu desenvolvimento.” (p. 411)

No estudo de Nakano (2009) também estão expostos os resultados de Ribeiro e Fleith (2007), com a preocupação de que

deve-se investigar a concepção que professores possuem acerca da criatividade na escola. Na fala de Ribeiro e Fleith (2007), fica claro que professores demonstraram possuir uma crença de que a criatividade depende somente de fatores intrapessoais e inatos, não sendo possível seu desenvolvimento, de forma que esse equívoco leva este profissional a desconsiderar a criatividade como uma dimensão importante em sala de aula, não procurando ferramentas de estímulo à criatividade neste contexto. (NAKANO, 2009, p. 48)

Em resposta à essa questão, estão presentes as respostas obtidas por meio do questionário. As dezesseis participantes responderam à questão “Você identifica a criatividade como...”, havia a possibilidade de o participante marcar mais de uma opção e para completar a frase, as opções eram: a) um dom; b) um fenômeno natural; c) uma habilidade que apenas algumas profissões específicas exigem; d) sendo possível de ser desenvolvida. As respostas obtidas foram:

Treze pessoas assinalaram a opção “sendo possível de ser desenvolvida”. Uma pessoa assinalou “um dom”. Uma pessoa assinalou “uma habilidade que apenas algumas profissões exigem.” E uma pessoa assinalou “um dom; um fenômeno natural; sendo possível de ser desenvolvida”. Ou seja, mesmo com uma parcela pequena de participantes, obtiveram-se respostas relacionando criatividade e dom, e criatividade como habilidade que apenas algumas profissões exigem.

O que representa algo muito próximo do que obtiveram Oliveira e Alencar (2012) em sua pesquisa com coordenadores pedagógicos, cuja resposta de um dos participantes vinculava criatividade a um dom “[...] um dos participantes, mesmo considerando o trabalho com a criatividade extremamente positivo, foi enfático ao mencionar que pouco ou nada se poderia fazer para desenvolvê-la, pois ela já viria com a pessoa, seria um dom.” (p. 548)

Em respostas à pergunta “Como você descreveria um professor criativo?” obteve-se

Alguém que usa de ferramentas inovadoras e tradicionais para promover aprendizagem significativa (PROFESSORA DE 5º ANO EM ESCOLA PARTICULAR)

Aquele que faz coisas diferentes e especiais. (PROFESSORA DE 2º E 5º ANOS EM ESCOLA PÚBLICA)

O professor criativo é aquele que motiva os alunos a desejar e buscar o conhecimento. Ser criativo é buscar diferentes estratégias e recursos para o aluno aprender. (PEDAGOGA E PROFESSORA DE 2º E 3º ANOS EM ESCOLA PÚBLICA)

Capacidade de trabalhar em grupo, improvisar, inovar, usar atrativos que esteja ao seu alcance sempre em prol do seu aluno. (PROFESSORA DE 1º ANO EM ESCOLA PARTICULAR)

Trazendo novidades, atividades lúdicas, com materiais concretos... Sempre inovando. (PROFESSORA DE 1º ANO EM ESCOLA PARTICULAR)

Aquele professor que busca alinhar os conhecimentos científicos com a prática, pensando a priori no desenvolvimento integral de seu aluno. (PROFESSORA DE 1º ANO EM ESCOLA PARTICULAR)

Que traz aulas diferenciadas aos alunos, fugindo do método tradicional. (PROFESSORA DE 4º E 5º ANOS EM ESCOLA PARTICULAR)

Um professor que tem ação autoral e reflexiva na interação com seus alunos e colegas, que esteja sempre a serviço da descoberta. (PROFESSORA DE 4º E 5º ANOS EM ESCOLA PÚBLICA)

Professor criativo é aquele que faz a diferença na aprendizagem do aluno, que desperta a vontade de aprender, que faz suas aulas serem mais participativas, atrativas, que usa diferentes estratégias. (PEDAGOGA DE 1º A 5º ANOS EM ESCOLA PÚBLICA)

Que tem boas idéias. (PROFESSORA DE 1º A 4º ANO EM ESCOLA PARTICULAR)

Um professor criativo é um profissional capaz de fazer um bom diagnóstico de sua turma, ter clareza de "onde quer chegar", adequar seu planejamento às necessidades da turma e de cada estudante individualmente (adequação metodológica), possuir domínio de conteúdo, ter repertório metodológico e conseguir convencer e mobilizar os estudantes para a aprendizagem; além da autonomia para usar tudo isso em sua ação docente. (PEDAGOGA DE 1º A 5º EM ESCOLA PÚBLICA)

Que faz tudo para melhorar a aprendizagem dos seus alunos. (PEDAGOGA DE 3º ANO EM ESCOLA PÚBLICA)

Um professor que dentro das condições e realidade da turma faça das aulas um momento mais instigante." (PROFESSORA DE 1º E 2º ANO EM ESCOLA PARTICULAR)

Que cria sempre novas formas de alcançar os objetivos em sala. (PROFESSORA DE 5º ANO EM ESCOLA PÚBLICA)

Consegue do micro alcançar o macro. (PROFESSORA DE 3º E 4º ANO EM ESCOLA PÚBLICA)

Um professor criativo é um professor que se dispõe a fazer pesquisas e a trocar ideias com os colegas e demais profissionais da escola, visando apresentar elementos novos, relacionados com os assuntos trabalhados, através de metodologias interessantes e instigantes. Também considero um professor criativo aquele que consegue mobilizar a turma para que essa lhe apresente demandas de interesses e dessa maneira, ocorra um processo de ensino-aprendizagem mais significativo. (PEDAGOGA DE 1º ANO EM ESCOLA PÚBLICA)

Neste estudo, foram poucas as pesquisas encontradas, que vinculavam o trabalho do pedagogo ao estímulo da criatividade nas escolas, ou que faziam menções à identificação do pedagogo como sujeito criativo. Entretanto, as percepções de professoras e pedagogas, coincidiram com as necessidades de parceria entre esses profissionais, e com o destaque às características pessoais e profissionais no processo criativo.

Em resposta à pergunta "Como você descreveria um pedagogo criativo?" obteve-se

Alguém que elabora estratégias de aprendizagem com foco no desenvolvimento integral do estudante. (PROFESSORA DE 5º ANO EM ESCOLA PARTICULAR)

Aquele que auxilia o professor com ideias inovadoras. (PROFESSORA DE 2º E 5º ANOS EM ESCOLA PÚBLICA)

É aquele que busca motivar os professores a trabalhar com seus alunos, dando-lhes sugestões de recursos e atividades inovadoras. (PEDAGOGA E PROFESSORA DE 2º E 3º ANOS EM ESCOLA PÚBLICA)

Motivador, inovador, compreensivo. (PROFESSORA DE 1º ANO EM ESCOLA PARTICULAR)

Aquele que busca instrumentos e metodologias novas. (PROFESSORA DE 1º ANO EM ESCOLA PARTICULAR)

Um profissional que busca compreender as necessidades tanto dos alunos, como dos professores e funcionários da escola. (PROFESSORA DE 1º ANO EM ESCOLA PARTICULAR)

Que incentiva os professores da instituição trazendo métodos diferenciados para seu conhecimento. (PROFESSORA DE 4º E 5º ANOS EM ESCOLA PARTICULAR)

Uma pedagoga que faça girar o conhecimento das professoras dentro do grupo, dando espaço para autorias delas. (PROFESSORA DE 4º E 5º ANOS EM ESCOLA PÚBLICA)

É aquele que dá apoio ao professor, que analisa o aprendizado do aluno, sempre em parceria com o professor. Articula saberes, observa para depois sugerir, aceita sugestões, busca inovar suas propostas pedagógicas. (PEDAGOGA DE 1º A 5º ANOS EM ESCOLA PÚBLICA)

Que possui habilidades de ajudar diferentes pessoas e que propõe coisas diferentes. (PROFESSORA DE 1º A 4º ANO EM ESCOLA PARTICULAR)

É um pedagogo que consegue articular os conhecimentos específicos, pedagógicos e sociais na organização do trabalho escolar, mediando as necessidades docentes e discentes com os fins da instituição escolar. O pedagogo criativo também considera as determinações decorrentes das interações sociais no interior da escola e com a comunidade. Enfim, o pedagogo criativo consegue planejar, coletivamente, alternativas pedagógicas que permitam as crianças aprenderem mais e melhor. (PEDAGOGA DE 1º A 5º EM ESCOLA PÚBLICA)

Que dá ideias e ajuda os professores. (PEDAGOGA DE 3º ANO EM ESCOLA PÚBLICA)

Aquele que junto à realidade da escola proponha ações que facilite o trabalho do professor. (PROFESSORA DE 1º E 2º ANO EM ESCOLA PARTICULAR)

Que cria sempre novas formas de alcançar os objetivos. (PROFESSORA DE 5º ANO EM ESCOLA PÚBLICA)

Capaz de interagir e participar direto nos processos que o professor traz. (PROFESSORA DE 3º E 4º ANO EM ESCOLA PÚBLICA)

Um pedagogo criativo é um pedagogo dinâmico, que compreende que o trabalho pedagógico ocorre em todas as esferas da vida da criança, apoiando, incentivando e fomentando os professores à explorarem ambientes diferentes, metodologias novas e assuntos que as crianças apresentam de demandas. Considero também um pedagogo criativo aquele que consegue criar estratégias para aumentar o envolvimento entre os profissionais da escola, tanto no que diz respeito à equipe, como as crianças, considerando a especificidade de cada uma dessas pessoas. (PEDAGOGA DE 1º ANO EM ESCOLA PÚBLICA)

Alencar e Fleith (2003a) apresentam os traços de personalidade levantados e avaliados por diferentes pesquisadores da criatividade, realizados com diferentes profissionais. Dentre os pesquisadores, elas apresentam as ideias da própria Alencar, de MacKinnon, de Guilford e do Torrance. Em um apanhado das características organizadas pelas autoras, traz-se aqui um comparativo com os traços de personalidade descritos pelos pesquisadores, e os traços evidenciados nas respostas obtidas sobre as percepções e descrições de pedagogo e professor como sujeitos criativos.

O “desejo de busca pelo conhecimento” relaciona-se às características de persistência, dedicação ao trabalho, iniciativa, curiosidade e independência de pensamento e ação.

A “busca por inovação, coisas diferentes e especiais” relaciona-se às características de entusiasmo, imaginação, autonomia, habilidades de produção divergente, descritas por Alencar e Fleith (2003a) como “respostas alternativas para uma questão cujas habilidades estariam relacionadas ao pensamento criativo” (p. 27).

A ação autoral e reflexiva e o bom diagnóstico da turma, na clareza de onde se quer chegar, com domínio de conteúdo, repertório metodológico e autonomia citada pelas participantes. A capacidade de trabalho em grupo, improvisado, uso de atrativos, alinhamento de conhecimento científico com a prática; elaboração de estratégias de aprendizagem com foco no estudante; motivação de ideias e

sugestões; análise dos objetivos em parceria; e observação anterior à sugestão, são também relacionadas às características de: fluência, como “habilidade do indivíduo para gerar um número relativamente grande de ideias na área de atuação” (p. 27); flexibilidade de pensamento que “implica mudança de algum tipo, uma mudança de significado na interpretação ou uso de algo; uma mudança na estratégia de fazer uma dada tarefa ou na direção do pensamento” (p. 28); originalidade na “apresentação de respostas incomuns e remotas” (p. 28); elaboração na “facilidade em acrescentar uma variedade de detalhes a uma informação, produtos ou esquemas, tendo seu papel nas produções criativas, que progridem de um tema ou esboço vago até uma estrutura ou sistema organizado”; e na redefinição que “implica transformações, revisões ou outras modalidades de mudanças na informação” (ALENCAR; FLEITH, 2003a, p. 29)

Algumas questões que restam, após a análise das respostas, estão relacionadas ao modo que essas professoras têm acesso às ferramentas denominadas por elas, como sendo inovadoras. Do que estão falando quando mencionam fazer “coisas diferentes e especiais”?

Em resposta à pergunta “Na sua opinião, o trabalho do professor e do pedagogo podem influenciar no desenvolvimento da criatividade dos alunos em sala de aula?” as respostas obtidas foram

Sim, para que isso aconteça é preciso discutir o planejamento coletivamente, bem como diversificar formas de avaliação.  
(PROFESSORA DE 5º ANO EM ESCOLA PARTICULAR)

Sim. Instigando os alunos a irem além dos exemplos dados.  
(PROFESSORA DE 2º E 5º ANOS EM ESCOLA PÚBLICA)

Sim. É uma via de mão dupla. Quando pedagogo e professor são criativos, os alunos serão motivados no desenvolvimento diário de sala de aula. (PEDAGOGA E PROFESSORA DE 2º E 3º ANOS EM ESCOLA PÚBLICA)

Sim. A partir do momento que na sua aula você sempre inova, isso estimula ao seu aluno buscar sempre algo novo, está sempre em busca da evolução. (PROFESSORA DE 1º ANO EM ESCOLA PARTICULAR)

Sim... Incentivando-os a pensar, serem críticos e reflexivos.  
(PROFESSORA DE 1º ANO EM ESCOLA PARTICULAR)

Sim. Um professor que orienta, que direciona os seus educandos, levando os recursos necessários para estimulação da criatividade e

das aprendizagens com certeza conseguirá auxiliar de maneira satisfatória o desenvolvimento desses educandos. (PROFESSORA DE 1º ANO EM ESCOLA PARTICULAR)

Sim, incentivando os alunos a terem criatividade apenas direcionando eles. (PROFESSORA DE 4º E 5º ANOS EM ESCOLA PARTICULAR)

Com certeza. Fundamental. A criatividade pode ser estimulada a partir do espaço metodológico em todas as disciplinas. Pode-se criar situações problemas em várias matérias para o aluno dar soluções criativas, pode-se integrar disciplinas de modo a articular conhecimentos, pode-se estabelecer ações criativas na produção literária, em produções textuais, verbais, orais, pictóricos autorais. A postura de escuta, diálogo, quando semeada gera criatividade. (PROFESSORA DE 4º E 5º ANOS EM ESCOLA PÚBLICA)

Sim, ambos devem caminhar na mesma direção, buscando o mesmo objetivo, sempre pensando no desenvolvimento integral do aluno, inovando as atividades, dialogando, buscando parcerias, trazendo para sala de aula o aprender de forma prazerosa, desenvolvendo no aluno a criatividade espontânea de cada um. (PEDAGOGA DE 1º A 5º ANOS EM ESCOLA PÚBLICA)

Sim, pois esses profissionais podem mostrar aos alunos que a criatividade pode ser construída por diversos métodos e que todos são capazes de ser criativos. (PROFESSORA DE 1º A 4º ANO EM ESCOLA PARTICULAR)

Com certeza. Isso ocorre principalmente quando o professor não dá respostas prontas, mas instiga o aluno a pensar e a buscar soluções. (PEDAGOGA DE 1º A 5º EM ESCOLA PÚBLICA)

Sim, professor é espelho para os educandos. (PEDAGOGA DE 3º ANO EM ESCOLA PÚBLICA)

Sim. O incentivo é sempre o primeiro passo para o sucesso. (PROFESSORA DE 1º E 2º ANO EM ESCOLA PARTICULAR)

Sim, pelos estímulos que são proporcionados. (PROFESSORA DE 5º ANO EM ESCOLA PÚBLICA)

Sempre. (PROFESSORA DE 3º E 4º ANO EM ESCOLA PÚBLICA)

Sim! Quando a criança percebe dedicação e incentivo às mais diferentes práticas, uma motivação natural à experimentação é a maior tendência, porque, uma vez tendo esse acesso ao "diferente e bem pensado", a criança se sente segura por ver que coisas interessantes a ela são viáveis e que estão ao alcance da sua prática. Um profissional criativo precisa, acima de tudo, compreender e relevar a criatividade e o espaço de criação dos demais a sua volta. (PEDAGOGA DE 1º ANO EM ESCOLA PÚBLICA)

De comum acordo, as palavras “estimular” e “incentivar” aparecem com frequência nas falas das participantes, e em geral, as respostas indicam essas

profissionais acreditam nas influências de seu trabalho no desenvolvimento da criatividade de seus alunos, apontando que o professor é “espelho” para seus alunos, “mostrando que eles são capazes de serem criativos”.

Quando a participante diz “Um profissional criativo, precisa, acima de tudo, compreender e relevar a criatividade e o espaço de criação dos demais” entende-se a verdadeira complexidade do trabalho pedagógico, no qual possibilita a ação criativa no espaço escolar. Uma vez que a equipe escolar e os discentes têm autonomia para opinar, experimentar e comunicar, todos precisarão também, aprender a ouvir, a dialogar e a colaborar.

No questionário, havia uma última questão que convidava o participante a utilizar o espaço disponível, caso quisesse relatar alguma experiência, deixar algum comentário, mensagem ou crítica em relação ao formulário. Obtiveram-se algumas respostas que complementam respostas anteriores, nas percepções e autopercepções dos participantes. Foram elas,

Acredito que só conseguimos ensinar o que experienciamos significativamente, portanto o professor criativo tem um olhar para além da sala de aula. É preciso ser um bom leitor (um leitor diversificado), produtor de conteúdos, escritor e conhecedor de tendências em diversas áreas. (PROFESSORA DE 5º ANO EM ESCOLA PARTICULAR)

Nunca esqueci, quando coloquei uma situação problema na educação infantil de um elefante que entalou ao tomar banho em uma banheira. As crianças desenharam soluções das mais óbvias e impensadas por adultos como tirar a tampa do ralo às inusitadas como um kit de ferramentas bem pesadas como martelo, serrote. (PROFESSORA DE 4º E 5º ANO EM ESCOLA PÚBLICA)

Acredito que um dos principais papéis da educação é desenvolver o potencial criativo dos estudantes, pois só assim formaremos sujeitos capazes de reinventar o modo de vida, reduzindo as desigualdades e ampliando o cuidado com a vida humana e do planeta. Além de que a criatividade é a marca "singular" do ser humano. (PEDAGOGA DE 1º A 5º ANO EM ESCOLA PÚBLICA)

Em tempos de tecnologia e necessário ser criativo sempre. (PROFESSORA DE 3º E 4º ANO EM ESCOLA PÚBLICA)

Achei o tema interessantíssimo e de muita relevância, mas com as reflexões para a resposta, me coloquei em cheque, pensando novamente em algo que me assusta, que é a falta de tempo que eu sinto para a execução de um bom trabalho, atrelada ao excesso de documentação burocrática que tenho que responder e as demandas externas ao meu trabalho, mas que são essenciais para o bem

funcionamento da escola. Ainda não tenho ideia de como equilibrar isso. (PEDAGOGA DE 1º ANO EM ESCOLA PÚBLICA)

Novamente aparecem as barreiras relacionadas à falta de tempo para execução das tarefas em junção do excesso de atividades burocráticas que tem de lidar o pedagogo escolar em sua rotina.

Quando uma das participantes cita uma experiência vivenciada por ela, já com o peso da frase “Nunca esqueci, quando...” em que ela proporcionou uma situação problema para as crianças solucionarem, a professora parece carregar consigo a missão cumprida de promover o pensamento criativo em seus alunos. A associação que as crianças fizeram com o kit de ferramentas pesadas para solucionar o problema do elefante entalado, reafirma a intenção criativa que propõe a ressignificação da função de um produto, que retirado de seu contexto, torna-se útil para solucionar e preencher uma lacuna desejada em outro contexto. No caso desta professora, é possível relacionar ao que afirma Torrance (1970) sobre a importância de se promover já na primeira infância, um ambiente para estímulo de solução de problemas, do pensamento criador e da tomada de decisões.

[...] según todas las evidencias actuales, el hombre prefiere fundamentalmente aprender em forma creativa; explorando, manipulando, preguntando, experimentando, arriesgando, verificando y modificando ideas.” (TORRANCE, 1970, p. 18)

Em relação às outras respostas das duas últimas perguntas do questionário, faz-se aqui a seguinte análise. Há dez anos, Nakano (2009) apontava que “o professor não se vê, na maioria das vezes, como responsável pelo estímulo à criatividade na escola, quando deveria estar consciente do oposto.” (p. 48)

Alencar et al (2018), realizaram um estudo, em instituições de ensino fundamental, que apontaram para

[..] uma dificuldade do professor em admitir o seu escasso conhecimento a respeito de criatividades nos processos de ensino aprendizagem, aspecto esse observado por coordenadores pedagógicos, em sua atuação junto a corpo docente. [...] Quase totalidade dos coordenadores de escolas particulares apontou o desconhecimento pelos docentes de práticas pedagógicas promotoras da criatividade e grande maioria deles indicou o desconhecimento pelos professores de textos relacionados ao estímulo à criatividade em sala de aula, além de poucas oportunidades para discutir ideias com colegas sobre estratégias instrucionais, tendo ainda mais da metade sinalizado falta de

autonomia pelos docentes referente a como conduzir as atividades em sala de aula. (ALENCAR; FLEITH; BORGES; BORUCHOVITCH, 2018, p. 562)

E a partir das respostas obtidas com a pequena parcela de participantes, no presente estudo, pode-se cogitar que na atualidade, provavelmente os professores estejam mais conscientes de sua responsabilidade diante da promoção à criatividade na escola. Entretanto, restam dúvidas em relação às práticas e processos de ensino, tais quais são mencionados, o que pode desmistificar se essas propostas são criativas e estimulantes da criatividade dos alunos em sala de aula.

Das categorias de análise a serem aprofundadas futuramente, pois aparecem nas respostas com maior frequência entre as professoras e pedagogas participantes da pesquisa, estão: o professor criativo é aquele que faz uso de ferramentas e metodologias inovadoras, e propõe atividades diferentes que estimulam. O pedagogo criativo é aquele que apoia e motiva os professores buscando e apresentando ideias. As atividades burocráticas aparecem como barreiras à criatividade na ação do pedagogo. A autopercepção de professores e pedagogos de que são criativos em sua prática porque buscam, inovam, descobrem, fazem, criam, pesquisam e trazem novas ideias, metodologias, formas, atividades e adaptações. A percepção de professores e pedagogos sobre a influência de seu trabalho no desenvolvimento da criatividade dos alunos quando orientam, incentivam e estimulam seus alunos a ir além dos exemplos e das respostas prontas.

Embora tendo o questionário captado uma pequena parcela de profissionais participantes, o que poderia ter comprometido a sua fidedignidade, se utilizado com outros objetivos, neste caso apresentou possibilidades de coletar também, respostas de profissionais de outros dois estados, além de que, em termos de quantidade, facilitou-se a organização dos dados e a análise qualitativa das respostas.

A pequena parcela de dezesseis participantes na pesquisa via questionário, apresentou respostas em sua maioria, convergentes ao que aponta a literatura, acerca da convicção de que têm os professores e pedagogos, a respeito das suas ações serem assertivas no desenvolvimento da criatividade, tendo eles apresentado algumas características de personalidade do profissional criativo em suas respostas. Ainda que, não se pôde colher maiores informações de quais práticas estão falando esses profissionais.

As pesquisas têm identificado, no ambiente escolar, o professor e o pedagogo como responsáveis pela promoção da criatividade e pela falta desta também. No entanto, têm relacionado essa falta, aos impedimentos e fatores inibidores nas formações inicial e continuada desses profissionais. Um dos rumos de diferentes pesquisas tem sido a busca por percepções de estudantes e docentes universitários, inclusive das licenciaturas, acerca da medida com que a criatividade é explorada e desenvolvida nos cursos de formação. O que se pôde notar, é que em geral, professores universitários também indicam fatores inibidores no ensino superior que os impedem de desenvolver práticas e avaliações criativas, o que acaba por influenciar os estudantes, conseqüentemente. (OLIVEIRA; WECHSLER, 2002; ALENCAR; FLEITH, 2003b; ALENCAR; FLEITH, 2004; SOUZA; ALENCAR, 2006; ALENCAR; FLEITH, 2010; MORAIS; ALMEIDA; AZEVEDO; ALENCAR; FLEITH, 2014; BATISTA; NASCIMENTO, 2015)

Entretanto, constatou-se que os professores e os pedagogos não são os únicos responsáveis pelo sucesso ou fracasso na promoção da criatividade na escola. Por meio das pesquisas, ficou evidente que, o ambiente representa um fator altamente influenciável na criatividade dos indivíduos, mas também a socialização da equipe administrativa e pedagógica, dos professores e demais funcionários, dos familiares e dos alunos também é fundamental. Além das influências geradas pelas instituições ligadas à escola; pelas práticas administrativas, burocráticas e pedagógicas; planejamentos de curto e longo prazo da instituição; interesses e percepções dos indivíduos ali presentes; extensão de conteúdos curriculares a serem cumpridos, dentre outras situações e ações da rotina escolar, que apareceram como fatores inibidores das práticas criativas no trabalho desses profissionais.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O interesse pela etapa dos anos iniciais do ensino fundamental se deu pelas experiências pessoais e profissionais vividas pela autora, tendo elas apresentado diferentes situações em âmbito escolar que, despertaram algumas hipóteses e certa curiosidade sobre o tema. Ao iniciar este estudo, pôde-se levantar algumas indagações e suposições vagas acerca do assunto, que apontavam para a importância da criatividade nas ações pedagógicas de professores e pedagogos e o reflexo dessas, no desenvolvimento do potencial criativo nos alunos.

Primeiramente, foi necessário conhecer os conceitos de criatividade na literatura da Psicologia e da Educação. E compreender o real estado da arte sobre a relação entre criatividade e educação, de modo que fosse possível delinear no presente estudo, uma problemática relevante ao contexto atual. Perceber que a partir das pesquisas, as escolas em geral, são apresentadas como responsáveis por não estarem desenvolvendo o potencial criativo dos alunos, e por não estarem desempenhando com qualidade, a promoção de um ambiente com um clima para a criação, foi ao encontro com o que presenciou em suas vivências nos períodos de estágio e de participação em projetos voltados à docência durante o decorrer da graduação.

Compreende-se que a elaboração do questionário nesta pesquisa poderia ter considerado algumas das regras práticas que trata Gil (2002), sobre as perguntas serem dispersadas quando há possibilidade de “contágio”, sobre evitar perguntas que provoquem respostas defensivas e estereotipadas ou socialmente desejáveis, e considerados também outros aperfeiçoamentos que poderiam ter colaborado na obtenção de respostas mais adequadas ao objetivo desta pesquisa.

Também, novas formas de coleta dos dados poderiam ser realizadas futuramente em nova pesquisa, que pudessem captar as percepções desses profissionais, sobre o conceito de criatividade e que tipo de práticas e estratégias eles têm para si como promotoras da criatividade em sala de aula. Sendo interessante também, uma pesquisa de campo nas escolas, com objetivo de conhecer a realidade e compará-la às respostas obtidas.

Sabe-se que outros importantes autores da Psicologia e da Educação que aqui não foram citados, também apontam falhas no sistema educacional sobre a promoção da criatividade nos diferentes níveis de ensino. Entre eles, Cohen, 1997;

Cole, Sugioka e Yamagata-Lynch, 1999; Furman, 1998; Necka, 1994; Toren, 1993; Wechsler, 2001; Renzulli, 2005; Fishkin, Cramond e Olszewski-Kubilius, 1999; Morgan & Foster, 1999; Smith, 1966; entre outros, que têm sido referência para pesquisas na área, nacional e internacionalmente.

Ainda que o presente estudo tenha sido limitado pelo tempo e tamanho do número de participantes na coleta, pôde-se apresentar certa organização e análise de pesquisas nacionais relevantes na área da criatividade relacionada à escola, com publicação nos últimos anos, para identificar o professor e o pedagogo como sujeitos criativos. Também, obteve-se indícios por meio das respostas coletadas, de que esses profissionais, em sua maioria, se identificam como sujeitos criativos em suas práticas, demonstrando consciência da influência que o trabalho do professor e do pedagogo exercem no desenvolvimento da criatividade dos alunos em sala de aula. Também entendem que a criatividade pode ser desenvolvida na escola. Uma profissional identifica a criatividade como um dom, mas afirma que se a aula for inovadora, irá estimular o aluno na busca do novo e da evolução.

Portanto, este estudo apresentou uma investigação na literatura disponível, que situa o professor e o pedagogo como sujeitos que podem ser criativos e capazes de promover o desenvolvimento da criatividade em seus alunos nas escolas, de modo que as percepções desses profissionais, interferem diretamente em suas ações e no clima do ambiente escolar, além de que são por eles também influenciados. E, apresentou a partir de uma pesquisa qualitativa, as percepções de professoras e pedagogas que atuam nas escolas.

A relação entre criatividade e escola aparece nas áreas da educação e da psicologia como um vasto campo de conhecimento, cujos conceitos apresentam diferentes complexidades, com relações pertinentes a serem exploradas futuramente em novas pesquisas.

## REFERÊNCIAS

- ALENCAR, E. M. L. S. de.; FLEITH, D. S. de. **Criatividade**: Múltiplas perspectivas. 3. ed. Brasília: Editora UnB, 2003a
- ALENCAR, E. M. L. S. de.; FLEITH, D. S. de. Barreiras à Criatividade Pessoal entre Professores de Distintos Níveis de Ensino. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 16, n. 1, p. 63-69, 2003b. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v16n1/16798.pdf>>. Acesso em: 25 nov. 2019.
- ALENCAR, E. M. L. S. de.; FLEITH, D. S. de. Barreiras à Promoção da Criatividade no Ensino Fundamental. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 24, n. 1, p. 59-66, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v24n1/a07v24n1.pdf>>. Acesso em: 9 out. 2019.
- ALENCAR, E. M. L. S. de.; FLEITH, D. S. de. Criatividade na educação superior: fatores inibidores. **Revista de Avaliação da Educação Superior**, Campinas, v. 15, n. 2, p. 201-206, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/aval/v15n2/a11v15n2>>. Acesso em: 9 out. 2019.
- ALENCAR, E. M. L. S. de.; FLEITH, D. S. de. Escala de Práticas Pedagógicas para a Criatividade no Ensino Fundamental: Estudo Preliminar de Validação. **Interação em Psicologia**, Curitiba, v. 11, n. 2, p. 231-239, 2007. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/7503/8144>>. Acesso em: 25 nov. 2019.
- ALENCAR, E. M. L. S. de.; FLEITH, D. S. de. Inventário de Práticas Docentes que Favorecem a Criatividade no Ensino Superior. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 17, n. 1, p. 105-110, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v17n1/22310.pdf>>. Acesso em: 25 nov. 2019.
- ALENCAR, E. M. L. S. de.; FLEITH, D. S. de.; BORGES, C. N.; BORUCHOVITCH, E. Criatividade em Sala de Aula: Fatores Inibidores e Facilitadores Segundo Coordenadores Pedagógicos. **Psico USF**, Campinas, v. 23, n. 3, p. 555-566, 2018. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-82712018000300555&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712018000300555&lng=en&nrm=iso&tlng=pt)>. Acesso em: 27 set. 2019
- ALENCAR, E. M. L. S. de.; FLEITH, D. S. de.; BORUCHOVITCH, E.; BORGES, C. N. Criatividade no Ensino Fundamental: Fatores Inibidores e Facilitadores segundo Gestores Educacionais. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 31, n. 1, p. 105-114, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v31n1/0102-3772-ptp-31-01-0105.pdf>>. Acesso em: 27 set. 2019.
- ALENCAR, E. M. L. S. de.; GALVÃO, A. C. T.; FLEITH, D. S. de. La relación entre creatividad y expertise: contribuciones teóricas y empíricas. **Revista de Psicología**, Santiago, v. 27, n. 1, p. 55-78, 2009. Disponível em: <<http://revistas.pucp.edu.pe/index.php/psicologia/article/view/244/236>>. Acesso em: 28 nov. 2019.

ALENCAR, E. M. L. S de; RODRIGUES, C. J. S. Relação entre tempo de ensino, localidade da escola e características comportamentais consideradas desejáveis e indesejáveis por professores do ensino do primeiro grau. **Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 3, p. 75-93, 1978. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/abpa/article/view/17954>>. Acesso em: 25 out. 2019.

AMABILE, T. M. **Creativity in Context: Update to The Social Psychology of Creativity**. 2. ed. New York: Routledge, 2018.

AMABILE, T. M. Educating Leaders Who Make a Difference in the World. **Perspectives on Psychological Science**, California, v. 14, n. 1, p. 7-11, 2019. Disponível em: <[https://www.hbs.edu/faculty/Publication%20Files/Amabile\\_Educating%20leaders%20who%20make%20a%20difference%20in%20the%20world\\_PPS\\_2019\\_5dcb5a3-9d51-4de0-8583-37af63d80bf1.pdf](https://www.hbs.edu/faculty/Publication%20Files/Amabile_Educating%20leaders%20who%20make%20a%20difference%20in%20the%20world_PPS_2019_5dcb5a3-9d51-4de0-8583-37af63d80bf1.pdf)>. Acesso em: 27 nov. 2019.

AMABILE, T. M. The Social Psychology of Creativity: A Componential Conceptualization. **Journal of Personality and Social Psychology**, Washington, v. 45, n. 2, p. 357-376. 1983. Disponível em: <<https://psycnet.apa.org/record/1984-06764-001>>. Acesso em: 27 nov. 2019.

ARAGÓN, O. R. A. Consideraciones históricas y algunas teorías acerca de la naturaleza de la creatividad. In: CUMPA, J. W. G. (Org.). **Desarrollo de la Creatividad**. Lambayeque: Fondo Editorial Universitario, 2005. p. 29-31.

BATISTA, E. C.; NASCIMENTO, A. B. Percepção de acadêmicos quanto ao estímulo à criatividade por parte de seus professores. **Revista Brasileira de Ensino Superior**, Porto Alegre, v. 1, n. 2, p. 54-63, 2015. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/297659519\\_Percepcao\\_de\\_Academicos\\_quanto\\_ao\\_Estimulo\\_a\\_Criatividade\\_por\\_Parte\\_de\\_seus\\_Professores/fulltext/56edf33c08aed17d09f77791/297659519\\_Percepcao\\_de\\_Academicos\\_quanto\\_ao\\_Estimulo\\_a\\_Criatividade\\_por\\_Parte\\_de\\_seus\\_Professores.pdf?origin=publication\\_detail](https://www.researchgate.net/publication/297659519_Percepcao_de_Academicos_quanto_ao_Estimulo_a_Criatividade_por_Parte_de_seus_Professores/fulltext/56edf33c08aed17d09f77791/297659519_Percepcao_de_Academicos_quanto_ao_Estimulo_a_Criatividade_por_Parte_de_seus_Professores.pdf?origin=publication_detail)>. Acesso em: 25 nov. 2019.

BORGES, C. N.; FLEITH, D. S. de. Uso da Tecnologia na Prática Pedagógica: Influência na Criatividade e Motivação de Alunos do Ensino Fundamental. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 34, e3435, p. 1-11, 2018. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-37722018000100404&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722018000100404&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 25 nov. 2019.

BORUCHOVITCH, E.; ALENCAR; E. M. L. S. de.; FLEITH, D. S. de.; FONSECA, M. S. da. Motivação do aluno para aprender: Fatores inibidores segundo gestores e coordenadores pedagógicos. **Educação Temática Digital**, Campinas, v. 15, n. 3, p. 425-442, 2013. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/315061016\\_Motivacao\\_do\\_aluno\\_para\\_aprender\\_fatores\\_inibidores\\_segundo\\_gestores\\_e\\_coordenadores\\_pedagogicos/fulltext/5adb81630f7e9b2859403a53/315061016\\_Motivacao\\_do\\_aluno\\_para\\_aprender\\_fatores\\_inibidores\\_segundo\\_gestores\\_e\\_coordenadores\\_pedagogicos.pdf?origin=publication\\_detail](https://www.researchgate.net/publication/315061016_Motivacao_do_aluno_para_aprender_fatores_inibidores_segundo_gestores_e_coordenadores_pedagogicos/fulltext/5adb81630f7e9b2859403a53/315061016_Motivacao_do_aluno_para_aprender_fatores_inibidores_segundo_gestores_e_coordenadores_pedagogicos.pdf?origin=publication_detail)>. Acesso em: 27 nov. 2019.

BRASIL. Lei nº 11.274, 6 de fevereiro de 2006. Altera a redação dos arts. 29, 30, 32 e 87 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases para a educação nacional, dispondo sobre a duração de 9 (nove) anos para o ensino fundamental, com matrícula obrigatória a partir dos 6 (seis) anos de idade. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 7 fev. 2006. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/l11274.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11274.htm)>. Acesso em: 26 nov. 2019

BRASIL. Ministério da Educação. Resolução CNE/CEB n. 3, de 3 de agosto de 2005. Define normas nacionais para a ampliação do Ensino Fundamental para nove anos de duração. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rceb003\\_05.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rceb003_05.pdf)>. Acesso em: 26 nov. 2019

CROPLEY, A. J. Fostering creativity in the classroom: General principles. In: RUNCO, M. A. (Org.). **The creativity research handbook**. Cresskill: Hampton Press, 1997. p. 83-114.

CSIKSZENTMIHALYI, M. Motivation and Creativity: Toward a Synthesis of Structural and Energistic Approaches to Cognition. **New Ideas in Psychol**, Reino Unido, v. 6, n. 2, p. 159-176, 1988. Disponível em: <<https://bit.ly/2O1gCaK>>. Acesso em: 19 nov. 2019.

GALVÃO, T. F.; PANSANI, T. S. A. de.; HARRAD, D. Principais itens para relatar Revisões sistemáticas e Meta-análises: A recomendação PRISMA. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, Brasília, v. 24, n. 2, p. 335-342, 2015. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2237-96222015000200335](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-96222015000200335)>. Acesso em 25 nov. 2019.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002

LAWSON, B. Creative thinking. In: \_\_\_\_\_. **How designers think: the design process demystified**. 4. ed. Amsterdam: Architectura, 2006. p. 145-158.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. de. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 2. ed. Rio de Janeiro: E.P.U., 2013

LÜKE, H. **Dimensões da gestão escolar e suas competências**. Curitiba: Positivo, 2009

MATOS, D. R.; FLEITH, D. S. de. Criatividade e Clima Criativo entre Alunos de Escolas Abertas, Intermediárias e Tradicionais: Criatividade no contexto escolar. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 109-120, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v10n1/v10n1a10.pdf>>. Acesso em: 26 nov. 2019.

MORAIS, M. F. de.; FLEITH, D. S. de. Conceito e avaliação da criatividade. In: ALMEIDA, L. D. A. da. (Org.). **Criatividade e pensamento crítico: conceito, avaliação e desenvolvimento**. Portugal: CERPSI, 2017. p. 45-73.

MORAIS, M. F. de.; ALMEIDA, L. S.; AZEVEDO, I.; ALENCAR, E. M. L. S. de.; FLEITH, D. S. de. Validação portuguesa do Inventário de Práticas Docentes para Criatividade na Educação Superior. **Avaliação Psicológica**, Campinas, v. 13, n. 2, p. 167-175, 2014. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-04712014000200004](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712014000200004)>. Acesso em: 24 nov. 2019.

MORAIS, M. J. S. da.; PINHO, M. J. do. Concepções de criatividade no contexto educacional: um novo olhar formativo. **Revista Contrapontos**, Itajaí, v. 17, n. 2, p. 312-334, 2017. Disponível em: <<https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rc/article/download/8680/6027>>. Acesso em: 27 nov. 2019.

MOURÃO, R. F.; MARTÍNEZ, A. M. A criatividade do professor: a relação entre o sentido subjetivo da criatividade e a pedagogia de projetos. A criatividade do professor: sentido e ação. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 263-272, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v10n2/v10n2a09.pdf>>. Acesso em: 26 nov. 2019.

MOTA, J. S. da. Utilização do google forms na pesquisa acadêmica. **Revista Humanidades e Inovação**, Palmas, v. 6, n. 12, p. 371-380, 2019. Disponível em: <<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/download/1106/1117>>. Acesso em: 25 nov. 2019.

NAKANO, T. C. Investigando a criatividade junto a professores: pesquisas brasileiras. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 45-53, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v13n1/v13n1a06.pdf>>. Acesso em: 26 maio. 2019.

NEVES-PEREIRA, M. S.; ALENCAR, E. M. L. S. de. A educação no século XXI e o seu papel na promoção da criatividade. **Revista Psicologia e Educação**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 1-10, 2018. Disponível em: <<http://psicologiaeeducacao.ubi.pt/Files/Other/Artigos%20OnLine/2018/V1N1%20online/1.%20V1N1online2018.pdf>>. Acesso em: 26 maio. 2019.

OLIVEIRA, A. B. F. de.; LIMA, A. I. B. Vigotski e os Processos Criativos de Professores ante a Realidade Atual. **Educ. Real**, Porto Alegre, v. 42, n. 4, p. 1399-1419, 2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/2175-623662025>>. Acesso em 28 maio 2019.

OLIVEIRA, D. P.; SILVA, D. L. da.; CAVALCANTE, R. L. A. Práticas docentes criativas e histórias de formação: um estudo de caso. **Revista Quadridimensional da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 127-134, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v19n1/2175-3539-pee-19-01-00127.pdf>>. Acesso em: 26 nov. 2019.

OLIVEIRA, E. B. P.; ALENCAR, E. M. L. S. de. Características de Professores Criativos e de Coordenadores que Estimulam a Criatividade Docente. **Boletim**

**Academia Paulista de Psicologia**, São Paulo, v. 30, n. 79, p. 379-393, 2010. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/946/94615412011.pdf>>. Acesso em: 26 nov. 2019.

OLIVEIRA, E. B. P.; ALENCAR, E. M. L. S. de. Importância da criatividade na escola e no trabalho docente segundo coordenadores pedagógicos. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 29, n. 4, p. 541-552, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v29n4/v29n4a09.pdf>>. Acesso em: 26 nov. 2019.

OLIVEIRA, E. T. A.; WECHSLER, S. M. Variáveis que afetam a aprendizagem: percepção de alunos de licenciatura e professores. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 133-139, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v6n2/v6n2a03.pdf>>. Acesso em: 27 nov. 2019.

PADILHA, R. C. H. W. Criatividade e Educação: conceitos e impasses. In: **Criatividade no ambiente escolar**. Paraná: Unicentro, 2014. p. 9-20.

REIBNITZ, K. S.; PRADO, M. L. do. Criatividade e relação pedagógica: em busca de caminhos para a formação do profissional crítico criativo. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 56, n. 4, p. 439-442, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v56n4/a28v56n4.pdf>>. Acesso em: 25 nov. 2019.

RIBEIRO, R. A.; FLEITH, D. S. de. O estímulo à criatividade em cursos de licenciatura. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 17, n. 38, p. 403-416, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v17n38/v17n38a10.pdf>>. Acesso em: 24 nov. 2019.

ROGERS, C. R. Toward a Theory of Creativity. **ETC: A Review of General Semantics**, New York, v. 11, n. 4, p. 249-260, 1954. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/pdf/42581167.pdf>>. Acesso em: 25 nov. 2019.

SKINNER, B. F. O eu e os outros. In: \_\_\_\_\_. **Sobre o behaviorismo**. 7. ed. São Paulo: Cultrix, 1974. p. 145-162.

SILVA, V. F. da. A resolução de problemas: concepções evidenciadas na prática e no discurso de professores de matemática do ensino fundamental. In: Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul, 10, 2016, Acre. **Periódicos...** Acre: UFAC, 2016. p. 1-15. Disponível em: <<https://periodicos.ufac.br/index.php/simposiufac/article/download/817/415>>. Acesso em: 26 nov. 2019.

SILVA, T. F. da.; NAKANO, T. C. Criatividade no contexto educacional: análise de publicações periódicas e trabalhos de pós-graduação na área da psicologia. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 38, n. 3, p. 743-759, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v38n3/aop671.pdf>>. Acesso em: 28 maio 2019.

SIMONTON, D. K. Creativity Cognitive, Personal, Developmental, and Social Aspects. **American Psychologist**, Washington, v. 55, n. 1, 151-158, 2000. Disponível em: <<https://psycnet.apa.org/fulltext/2000-13324-014.pdf>>. Acesso em: 19 nov. 2019.

SOUZA, M. E. M. G. de.; ALENCAR, E. M. L. S. de. O curso de Pedagogia e Condições para o Desenvolvimento da Criatividade. **Revista Semanal da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 21-30, 2006. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-85572006000100003](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572006000100003)>. Acesso em: 27 nov. 2019.

STERNBERG, R. J. **Handbook of Creativity**. Reino Unido: Cambridge University Press, 1999

TORRANCE, E. P. **Criatividade: Medidas, Testes e Avaliações**. São Paulo: IBRASA, 1976

TORRANCE, E. P. **Desarrollo de la creatividad del alumno**. Buenos Aires: Libreria del Colegio, 1970

## APÊNDICE 1 – QUESTIONÁRIO

**TÍTULO** - Criatividade na ação de professores e pedagogos do ensino fundamental - anos iniciais.

**TEXTO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DE LEITURA ANTERIOR AO PREENCHIMENTO DO FORMULÁRIO GOOGLE FORMS CONTENDO QUESTIONÁRIO** - Este questionário complementa o trabalho de conclusão de curso em Pedagogia sobre o tema: criatividade na educação - a possibilidade de criar na ação do professor e do pedagogo que atendem de 1º ao 5º ano do ensino fundamental.

São perguntas breves, mas sinta-se à vontade para discorrer, resumir, ou justificar suas experiências diante das questões aqui apresentadas.

Eu Ana Terra Menezes, autora do trabalho e formanda de Pedagogia, agradeço imensamente pela contribuição que me trará respondendo este questionário abaixo e colaborando para as pesquisas na área da educação, especificamente pensando o ensino público que atende o ensino fundamental nos anos iniciais!

Por favor, esteja ciente de que você está participando de uma pesquisa com cunho científico acadêmico e que suas respostas voluntárias farão parte do trabalho sem expor a sua identidade, de maneira que sua privacidade será respeitada, ou seja, seu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa lhe identificar, será mantido em sigilo.

**1- Nome Completo**

**2- Seu e-mail**

**3- Cidade**

**4- Você atua nos anos iniciais como:**

**a) Professor(a)**

**b) Pedagogo(a)**

**c) Ambos**

**5- Em escola**

**a) Pública**

**b) Particular**

**6-** Você atende:

- a) 1º ano
- b) 2º ano
- c) 3º ano
- d) 4º ano
- e) 5º ano

**7-** Como você descreveria um professor criativo?

**8-** Como você descreveria um pedagogo criativo?

**9-** Você se identifica como sendo um profissional criativo? Por que?

**10-** Você identifica a criatividade como

- a)** Um dom.
- b)** Um fenômeno natural.
- c)** Uma habilidade que apenas algumas profissões específicas exigem.
- d)** Sendo possível de ser desenvolvida.

**8-** Na sua opinião, o trabalho do professor e do pedagogo podem influenciar no desenvolvimento da criatividade dos alunos em sala de aula? Como?

Fique à vontade para utilizar o espaço abaixo caso queira relatar alguma experiência, deixar algum comentário, mensagem ou crítica em relação a este formulário.